

Ave MARIA

REVISTA MENSAL

ANO 103

R\$ 2,50

MAIO

2001



Paz-Não nascemos para sofrer

Mulher de cada dia

Enquanto avança a noite, cada dia
prende o Amor sua chama
em tua lamparina de azeite desvelado,
sempre igual e crescente.
O pão de teus moinhos se coze, cada dia,
sob o fogo tranquilo de teus olhos,
enquanto se aproxima também a madrugada.
A fonte da praça te entrega, cada dia, sua esmola
enquanto seu coração cresce para o mundo.

Como a ave do Tempo vais e vens,
da casa à rua, do Mistério ao mistério,
muitas vezes ao dia,
e levas com teus passos o compasso das horas...
Tu sabes o que é viver a passo lento,
sem novidade para a pressa humana.
Apenas sem distância: a de um grito.
Nesta pobre aldeia em que vigiam
as figueiras comadres
e a sentinela de um obscuro cipreste.
— De Nazaré pode sair algo de bom?
José chega cansado, cada noite.
E o Menino traz a fome entre os dedos
pela enésima vez.
— Que queres, filho?
(As amêndoas se olham, assustadas de júbilo,
e o prato ri (transborda) mel por todos os lados).

Tu já deixaste o fuso sobre o banco adormecido
e a lã suspira brancamente.
Esta manhã foste colher retamas,
e te sangram as mãos, em silêncio,
e te marcam as mãos as nódoas das ervas.
Ordenhaste logo as duas mansas cabras,
e tens toda sabor de leite.
Ontem, soprou o siroco, e te secou as flores.
Hoje, irrompe o simum (ventos do deserto)
como uma tropa de soldados romanos,
e se tem de fechar tudo e,
com a pressa, às escuras,
perde-se uma dracma,
resgatada do tributo de Herodes.

Se as vizinhas rompem teu recolhimento,
como galinhas loucas,
tu sorris.
Um dia nasce um menino, e tu o embalas.
E noutro dia morre um homem, e tu o velas.
Na vasilha inútil cresce um lírio cor de amora,
e tu regas sua lenta profecia.



Nazaré fica vazia, quando chega a Páscoa,
e tu caminhas com todos,
peregrina do Templo,
com Javé pela mão,
com um salmo na boca.
A rota de Israel converge em tuas sandálias.
E os diversos caminhos do mundo
fogem de teus pés caravaneiros.

Teu coração não pára, dia e noite.
Dia e noite, recolhem seus limpos cântaros
a água da Vida.
E o Verbo se faz Homem, dia e noite,
diante de teus olhos,
ao alcance de tuas mãos,
por trás de teu silêncio...



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Luiz Claudemir Botteon

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy;

Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon;

Avelino S. de Godoy.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares. Tel: (011) 3666-2128 e 3666-2129 - Caixa Postal 1.205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP - Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura anual: R\$ 20,00.

Ligue grátis: 0800-555-021

Fax: 3826.7016

Ave Maria na internet:

www.revistavemaria.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@revistavemaria.com.br

assinaturas@revistavemaria.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregianin, RS; Alice Ferreira Reis, SP; Sérgio Pierozan, SP e GO; Benedito Carlos Câmara, SP; Jesus Macedo, SP; Mauro Donizeti Câmara, SP; Dideró Ribeiro, Marília, SP; Anselmo Pereira Almeida, MG; Benedito Vaz Neto, MG; Edson Nunes de Moraes, MG; Gilmar Diniz Silva, MG; Nildo Lopes de Andrade, Norte do Paraná, PR; Pe. Pedro Jordá, Palmira Farias, Cordeirópolis, SP; Roselene C.S. Ruy, Piracicaba, SP; Juarez Nicodemus Gonçalves, Baurú, SP; Andreia Maria Ferreira Reis, Rio Claro, SP; Valdinei Aparecido de Oliveira, Triangulo Mineiro.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR

Lembre-se de que é importante V.Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue a cobrar para a *Revista Ave Maria* (90 ___ 11) 3666-2128 ou 0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

www.claretianos.com.br

Sim à vida e à paz

Omês de maio sempre chega com a lembrança terna do Dia das Mães e como florido e carinhoso mês de Nossa Senhora. Um toque feminino e singelo lhe é dado em comemorações colegiais e em rituais religiosos. Tudo indica que os humanos, mesmo endurecidos pelo sofrimento cotidiano que lhes tira a sensibilidade e o trato fraterno, neste mês redescobrem a importância da ternura, do acolhimento puro que as mães inspiram. Como resultante disso, temos vida e paz.

Deus certamente não nos criou para sofrer. Em seu colo materno e paterno nos acolhe a todos, principalmente aos mais fracos. Ao contrário disso, vamos vendo um mundo crescer cada vez mais globalizado no interesse pelo mercado, não acolhendo o fraco, o pobre, pois esses não podem consumir e, se o fizerem, não é interessante, pois pouco significa para as estatísticas financeiras globais. Por exemplo, os remédios, absolutamente indispensáveis à cura, assim como alimentos básicos à vida, são enquadrados como mercadorias que garantem grandes lucros, insensíveis a dezenas de milhões de vítimas da fome e de doenças. Os bancos, ao emprestar, não se contentam com 100% de juros a mais do que pagam aos poupadores, cobram 1.000%. Que o digam os mutuários da casa própria. Esse sistema globalizado e ganancioso delapida bens e esperanças, faz sofrer, traz desespero, violência e morte. Tal como está indo é um sistema na contra-mão do projeto de Deus.

Em "Maria, imagem da Igreja" (p. 6) João Paulo II aponta Nossa Senhora como figura da Igreja que escolhe sempre, na sua liberdade, o caminho de Deus. No artigo "Religião do Consumo" (p. 13) de Frei Betto, percebemos que novos valores vêm "embutidos" nos produtos e com a posse deles temos a sensação de ter mais valor aos olhos dos outros. Devemos discernir os valores para sermos livres e não escravos.

Angel Iván Garcia em "Não nascemos para sofrer!" (p. 16) descreve o compromisso do profeta e mártir para os nossos tempos, d. Oscar Romero, arcebispo de San Salvador, assassinado em 21 de abril de 1980. Como pastor, teve a coragem de apontar os descaminhos da humanidade, quando irmãos da mesma pátria se confrontavam em guerras sangrentas, habitantes do mesmo continente se distanciavam em sistemas de exclusões e domínio de uns sobre os outros, a ideologia do mundo beatificava o capital como o mais sagrado bem a ser buscado. A guerra que traz a desgraça e que mata não é somente aquela detonada por armas de fogo mas também a do egoísmo, usura e ganância.

Neste mês de maio, queremos olhar para a virgem de Nazaré e ver nela a mulher de cada dia, e de todos os dias, como reza em versos d. Pedro Casaldáliga. Queremos ver em Maria, a mãe de Jesus que se espelha em todas as mães que acolhem seus filhos e os cobre de afeto. Em Maria, mãe do Cristo, vemos a imagem da Igreja, como reafirma o Papa. Por isso seu dever de sempre enxergar a dimensão de divindade em todos os homens e mulheres e, portanto, não permitir que eles e elas sejam vítimas de quaisquer guerras.

P.C.G.

Foto da Capa: Painel desenhado pela equipe de pastoral e evangelização da comunidade paroquial da Igreja Coração de Maria dos missionários claretianos de Zamboanga, Filipinas.

Congresso Eucarístico Nacional



Campinas, SP, 11/4. Realignar-se-á, de 19 a 22 de julho, o 14º Congresso Eucarístico Nacional, na Arquidiocese de Campinas, SP. O tema escolhido foi: “Eucaristia, fonte da Missão e Vida Solidária” e o lema: “Venham para a Ceia do Senhor!”.

Sensíveis ao apelo da Arquidiocese, as famílias católicas de Campinas estão oferecendo suas casas para hospedar os participantes do 14º CEN. Levantamento feito pela Comissão de Hospedagem e Recepção em 5 de abril mostrava que 3.140 leitos já tinham sido oferecidos. Esse número significava 78,5% dos 4.000 leitos necessários. A programação das atividades do 14 CEN já está disponível na home page do evento. Confira: www.congressoeucaristico.puc-campinas.br

No dia 19/7, às 16h, na Escola Salesiana São José, será instalado o Congresso,

apenas para delegados e autoridades; e, às 19h30, na Praça do Congresso, será inaugurado o Marco Comemorativo do evento. Nos dias 20 e 21, dar-se-ão encontros para delegados, religiosos e religiosas, infância missionária, movimentos juvenis e de reflexão aberta. No dia 22/4, acolhimento festivo, na Praça do Congresso e às 10h30, Missa de Encerramento.

Um Congresso Eucarístico é um grande encontro de pessoas que professam a fé católica, reunidas por vários dias, a fim de dar testemunho público de sua fé, a partir da Eucaristia.

O primeiro realizou-se em 1881, em Lille, na França. A iniciativa partiu de uma cristã leiga e foi assumida pelo arcebispo local. Contou com o apoio de dioceses de seis países europeus, inclusive com a bênção do papa Leão XIII.

O papa João Paulo II bem sintetizou o que é um Congresso Eucarístico, por ocasião daquele realizado na Coreia, em 1989: “deve envolver cada Igreja Particular, cada paróquia, cada comunidade religiosa e cada movimento eclesial. Todos devem sentir-se chamados a tomar parte no Congresso mediante uma catequese mais intensa sobre a Eucaristia, uma participação mais consciente e ativa na Liturgia Eucarística e um sentido de adoração capaz de interiorizar a celebração do

Mistério Pascal, com uma oração que transforma a vida toda numa oferta pela vida do mundo, segundo o exemplo de Cristo”.

Um congresso eucarístico pode ser internacional, nacional ou mesmo diocesano. No Brasil, o primeiro Congresso Eucarístico Nacional aconteceu em Salvador, BA, em 1933.

Igreja Católica em números

Vaticano, 9/4. De 1998 a 1999, os católicos no mundo aumentaram em 16 milhões. A notícia veio a público, durante a apresentação da edição do “Anuário Pontifício 2001”, uma espécie de “quem é quem” na Igreja Católica que, pela primeira vez, pode ser comprado pela Internet. Na cerimônia de entrega desse volume a João Paulo II, publicaram-se dados estatísticos bastante interessantes sobre a vida da Igreja, válidos até 1.º de janeiro de 2000: A distribuição dos católicos batizados, conforme o peso demográfico dos diferentes continentes, varia conforme as áreas geográficas. O continente americano reúne mais ou menos a metade dos católicos de todo o planeta, enquanto que na Europa se encontra 27,3%.

Na África, 12%, na Ásia (10,4%) e na Oceania (0,8%). Atualmente, a Igreja conta com 3.862.269 pessoas dedicadas ao apostolado: 4.482 bispos, 405.009 sacerdotes (dos quais 265.012 diocesanos) 26.629 diáconos permanentes, 55.428 religiosos não-sacerdotes, 809.351 religiosos profanos, 31.049 membros de institutos seculares, 80.662 missionários leigos e 2.449.659 catequistas.

O número global de sacerdotes no mundo, em 1999, com respeito ao de 1998, experimentou um aumento de 383 unidades. A cifra é fruto do aumento de 810 sacerdotes do clero a que se contrapõe uma diminuição de 427 sacerdotes religiosos.

A distribuição do clero, em 1999, entre os continentes, caracteriza-se por uma forte presença de sacerdotes europeus (52%), que são 80% mais que na América. Sacerdotes asiáticos são 10%, 6,6%, africanos e 1,2% da Oceania.

O número dos estudantes de filosofia e teologia nos seminários diocesanos e nos religiosos aumentou 0,7%, passando dos 109.230 de 1998 aos 110.021 de 1999. Em 1999, 33% dos candidatos ao sacerdócio eram americanos, 25% europeus, 23% asiáticos, 18% africanos e 1% da Oceania.

Por outro lado, a nota de apresentação do “Anuário Pontifício 2001” revela que, em 2000, a Santa Sé esta-



beleceu relações diplomáticas com o Estado de Bahrein e com a República de Gibuti sendo, desse modo, 174 Estados com os quais mantém atualmente relações diplomáticas. Além disso, erigiu-se a delegação apostólica de Botswana.

Também se criaram 22 novas sedes episcopais, 1 exarcado apostólico, 1 ordinariato militar, 2 vicariatos apostólicos, 2 prefeituras, 1 administração apostólica, 2 missões "sui iuris" e se elevaram 7 sedes metropolitanas.

Pela primeira vez, o Anuário Pontifício 2001 pode ser adquirido pela Internet na livraria virtual que oferece com exclusividade os livros da editorial vaticana www.ixtmedia.com

Pastoral do Menor



Belo Horizonte, MG, 4/4. Com o objetivo de tornar possível a aplicação do Estatuto da Criança e do

Adolescente, a Pastoral do Menor tem feito diversos trabalhos junto aos 28 municípios que compõem aquela Arquidiocese. Seu esforço se concentra em sensibilizar os prefeitos e as comunidades locais a criarem os Conselhos Municipais e Tutelares de Direitos da Criança e do Adolescente, além do Fundo Municipal.

O trabalho da Pastoral do Menor da Arquidiocese de Belo Horizonte teve início em 1999 e até o momento 12 municípios foram visitados, tendo sido criados Conselhos nos municípios de Sabará, Mário Campos, Belo Vale e Rio Manso. Além disso, está sendo feito um trabalho de capacitação e fortalecimento dos Conselhos de Contagem e Betim, que já existiam.

Drogas

Niterói, RJ, 9/4. Representantes de 14 Igrejas cristãs participaram, no dia 31 de março, em Niterói, RJ, de um painel ecumênico sobre o problema das drogas no Brasil e no mundo. O encontro foi dirigido por d. Carlos Alberto Etchandy Gimeno Navarro, arcebispo da Arquidiocese de Niterói, RJ. Cada representante teve dez minutos para falar de sua atividades em favor das vítimas das drogas, tema da Campanha da Fraternidade 2001.

A IGREJA NO MUNDO
Notícias 4

PALAVRA DO PAPA
Maria, imagem da Igreja 6

CAMPANHA DA FRATERNIDADE
**A fraternidade e as drogas
Vida sim, drogas não!** 7

REFLEXÃO BÍBLICA
Cinco estrelas para um nome! 10
Geraldo Araújo Lima

FÉ E CIDADANIA
Religião do consumo 13
Frei Betto

Escravos da nicotina 14
Pe. Zezinho

Imprensa: velar e desvelar 15
J. B. Libânio

Não nascemos para sofrer 16
Angel Iván García

Comunicação e doentes mentais 18
Francisco Gomes de Matos

HISTÓRIA DA IGREJA
Separação entre Igreja e Estado 20
Ronaldo Mazula

SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ
Flávia Domitila e Joana D'Arc 22
Ronaldo Mazula

MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR
Senhora do santo cordão 24
Roque Vicente Beraldi

LÍNGUA DA NOSSA GENTE
Ymyrapytã: 500 anos! 25
Elias Leite

MEU LAR
Gerando comportamentos 26
Wimer Botura Jr.

CULINÁRIA
Yvone Barros Oliveira 27

PARA REZAR BEM OS SALMOS
Hino nupcial 28
José Fonzar

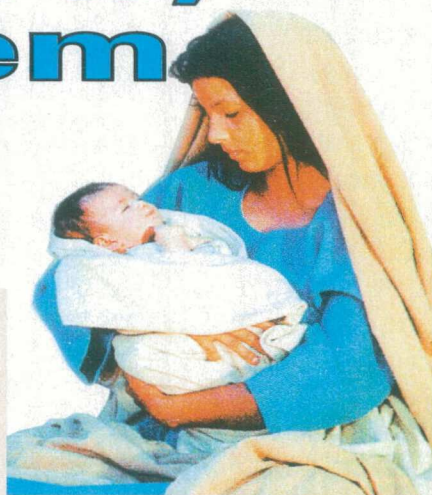
ALCOOLISMO
Barreiras à solidariedade 30
Sônia Mannelli

LITURGIA DA PALAVRA
De 20 de maio a 10 de junho 31
Adelino Dias Coelho

RELENDO A BÍBLIA
Norma Termignoni 36

TURMA DA MAÍRA
Tina Glória 37

Maria, imagem da Igreja



Conforme nos narra o *Apocalipse* de João, na mulher que está para ser mãe, que dá à luz um filho, enquanto um dragão de cor vermelha investe contra ela e contra aquele que ela gerou, a tradição cristã, litúrgica e artística, viu a imagem de Maria, a mãe de Cristo. Todavia, segundo a primeira intenção do autor sagrado, se o nascimento do menino representa a chegada do Messias, a mulher personifica evidentemente o povo de Deus, seja o Israel bíblico, seja a Igreja. A interpretação mariana não é contrária ao sentido eclesial do texto, já que Maria é figura da Igreja (cf. Ap 12).

Sob o fundo da comunidade fiel, divisa-se, portanto, o perfil da mãe do Messias. Contra Maria e a Igreja se levanta o dragão, que evoca Satanás e o mal. Como é já indicado pela simbologia do Antigo Testamento; o vermelho é sinal de guerra, de mortandade, de sangue derramado; as *sete testemunhas* coroadas indicam um poder imenso, enquanto os *dez chifres* reevocam a força impressionante da besta descrita pelo profeta Daniel, também ela imagem do poder prevaricador que se desencadeia na história.

Bem e mal, pois, enfrentam-se. Maria, seu Filho e a Igreja representam a aparente fraqueza e pequenez do amor, da verdade, da justiça. Contra eles se desencadeia a monstruosa energia devastadora da violência, da mentira, da injustiça. Mas o canto

que sela o trecho recorda-nos que o veredicto definitivo é entregue à salvação, ao reino do nosso Deus e ao poder do seu Cristo (Ap 12,10).

Certamente, no nosso tempo da história, a Igreja pode ser forçada a refugiar-se no deserto, como o antigo Israel em marcha para a terra prometida. O deserto, entre outros, é o refúgio tradicional dos perseguidos, é o lugar secreto e sereno onde é oferecida a proteção divina. A mulher permanece neste refúgio, mas como sublinha o *Apocalipse* (cf. 12,6.14), só por um período limitado. O tempo da angústia, da perseguição, da prova não é, pois, definitivo: no fim virá a libertação e será a hora da alegria.

Contemplando este mistério numa perspectiva mariana, podemos afirmar que Maria é, ao lado de seu Filho, a imagem mais perfeita da liberdade e da libertação da humanidade e do cosmos. É para ela, pois, que a Igreja, da qual ela é mãe e modelo, deve olhar para compreender, em sua integralidade, o sentido de sua missão.

Fixemos, então, nosso olhar sobre Maria, imagem da Igreja peregrina no deserto da história, mas dirigida para a meta gloriosa da Jerusalém celeste onde resplandecerá como

Esposa do Cordeiro, Cristo Senhor...

Na sua Imaculada Conceição, Maria é modelo perfeito da criatura humana que, cheia desde o início daquela graça divina que sustenta e transfigura a criatura, escolhe sempre, na sua liberdade, o caminho de Deus. Na sua gloriosa Assunção ao céu, Maria é, ao contrário, a imagem da criatura chamada por Cristo ressuscitado a alcançar, no termo da história, a plenitude da comunhão com Deus na ressurreição para uma eternidade feliz. Para a Igreja que, freqüentemente, sente o peso da história e o assédio do mal, a mãe de Cristo é o símbolo luminoso da humanidade redimida e envolvida pela graça que salva.

A meta última da vida humana será alcançada quando *Deus for tudo em todos* (1Cor 15,28) e — como anuncia o *Apocalipse* — *o mar já não existir*, isto é, o sinal do caos destruidor e do mal será finalmente eliminado. Então, a Igreja apresentar-se-á a Cristo como a *Esposa que se ataviou para seu Esposo* (Ap 21,1-2). Será esse o momento da intimidade e do amor sem ruptura. Mas já agora, olhando para a Virgem Assunta ao céu, a Igreja goza antecipadamente a alegria que lhe será dada em plenitude no fim dos tempos.

Na peregrinação da fé ao longo da história, Maria acompanha a Igreja como modelo da comunhão eclesial na fé, na caridade e na união com Cristo. Eternamente presente no mistério de Cristo, ela está no meio dos apóstolos, no próprio coração da Igreja nascente e da Igreja de todos os tempos. Na verdade, a Igreja foi congregada na parte alta do cenáculo com Maria, que era a mãe de Jesus e com seus irmãos. Não se pode, portanto, falar de Igreja, se aí não estiver presente Maria, a mãe do Senhor, com seus irmãos...".

João Paulo II

A fraternidade e as drogas

A partir da revista de fevereiro, começamos a publicar os principais trechos do texto-base da Campanha da Fraternidade 2001. Continuamos com sua publicação, para propiciar aos leitores um conhecimento mais amplo de sua proposta.

Esclarecendo alguns pontos

Ao estudarmos o vasto mundo das drogas, elegemos enfocar, primeiramente, o problema da dependência, como motivador principal para esta Campanha da Fraternidade. Vamos aqui descrever de forma resumida as drogas mais usadas no Brasil, alertando para seus efeitos nocivos, e depois analisaremos mais de perto as

possíveis causas da dependência de drogas, inserindo o problema no seu contexto sociocultural. Em segundo lugar, vamos esclarecer certos termos e conceitos de nossa abordagem, sempre buscando uma visão mais global, no sentido de questionar algumas idéias correntes e encarar a realidade da forma mais objetiva possível. Em terceiro, obviamente, está a proposta de uma mobilização total de nossa sociedade para buscar os meios possíveis mais eficazes para resolver esse dramático problema do mundo de hoje. O que nos move nesse projeto é a dinâmica da fé cristã, encarnada na caridade que vê, se compadece diante da vítima, tem a iracúndia misericordiosa de Deus para com os responsáveis pela tragédia e age para sanar a situação, conforme vemos na parábola do Bom Samaritano (cf. Lc 10, 23-37).

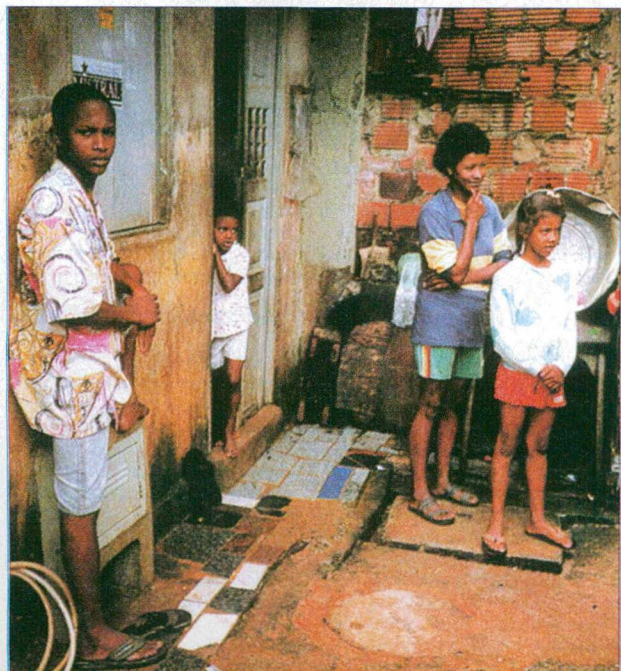
Ao longo de sua história, ao explorar as potencialidades da natureza, a humanidade foi descobrindo uma grande variedade de substâncias vegetais que, adequadamente preparadas, podem provocar sensações agradáveis ou supri-



mir dores e angústias. Em geral, elas são usadas com finalidade terapêutica, religiosa ou lúdica, e assim inseridas nas normas culturais de cada povo. O problema aparece quando o consumo dessas substâncias foge ao controle social, como ocorre hoje devido à sua exploração comercial, tornando-as um verdadeiro drama para a convivência humana.

Procurar as causas

Os dados mostram que, apesar dos esforços feitos até agora, o consumo das várias drogas vem atingindo formas e proporções cada vez mais preocupantes. Mas é preciso ir além dos fatos e procurar as causas, atacá-las. É evidente que o consumo abusivo de drogas não deve ser visto apenas como resultado de patologias individuais, mas como um fato social. E aqui está um grande indicativo de causa: "uma sociedade como a nossa, cada vez mais pragmática, insensível, competitiva, consumista e individualista, é uma sociedade que favorece o uso de drogas". Ela gerou um mundo onde a existência cotidiana se tornou ao mesmo tempo tão árdua e tão vazia de sentido, que os





tóxicos funcionam como "amortecedores" nas relações do ser humano consigo mesmo e com o mundo. Há quem use a expressão "civilização química" para designar essa realidade.

Algumas idéias correntes

Muitas entidades têm feito pesquisas e estudos para orientar uma intervenção eficaz contra os males provocados pelo uso indevido de drogas, mas freqüentemente elas se deparam

eliminar as verdadeiras causas da disseminação das drogas. Suas campanhas publicitárias parecem ter tido pouco efeito além de provocar um certo medo das drogas ilícitas, com o risco até mesmo de provocar curiosidade em experimentá-las. Já as drogas lícitas, em particular o tabaco, o álcool e as anfetaminas, não têm merecido a devida atenção. Embora o Ministério da Saúde venha fazendo campanha contra o fumo, esta é contrabalançada por uma publicidade sutil que identifica o fumo e o

ou aliviando o medo, a dor, as frustrações, as angústias, etc. Essa definição vai além do uso corrente, que só qualifica como "droga" psicotrópicos proibidos por lei.

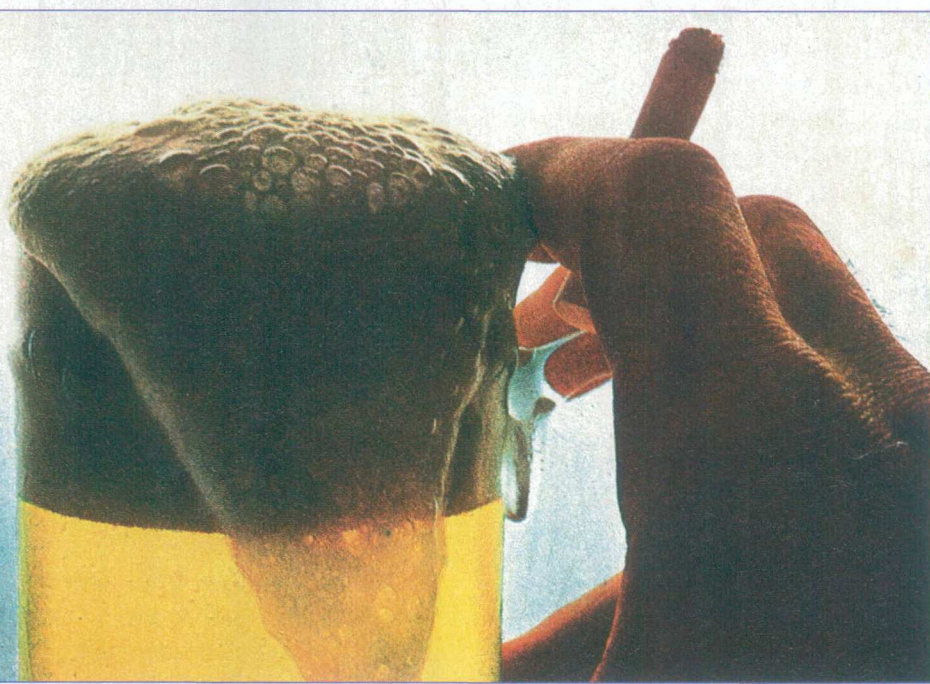
A qualidade e a intensidade das alterações produzidas pelas substâncias psicotrópicas dependem de vários fatores. Os mais importantes são: suas propriedades farmacológicas, a quantidade ingerida, as características particulares da pessoa que ingere, as expectativas em relação aos efeitos da droga e as circunstâncias que envolvem o uso. No caso do álcool, por exemplo, qualquer dose ingerida por crianças é nociva.

As drogas podem ser classificadas como depressoras, estimuladoras ou perturbadoras. Abaixo estão as mais freqüentes no Brasil:

• DROGAS DEPRESSORAS •

ÁLCOOL: é uma droga lícita e seu uso é socialmente estimulado. Seus efeitos sobre o comportamento dependem da quantidade ingerida. O álcool provoca diversos problemas de saúde como a gastrite, a cirrose hepática, dormência nas pernas.

INALANTES OU SOLVENTES: são produtos voláteis usados em atividades industriais (ex.: cola de sapateiro), comerciais e domésticas. Os inalantes evaporam à temperatura ambiente e podem ser "cheirados". Têm propriedades anestésicas e tranqüilizantes, induzem à euforia e ao delírio, provocam a sensação de desequilíbrio. São tóxicos para o sistema nervoso, fígado e coração. A longo prazo, provocam também perda de peso e lesões no cérebro.



Fotos: arquivo

com barreiras, de grandes proporções, como os interesses econômicos envolvidos na produção e venda de drogas (lícitas e ilícitas), a incompreensão de quem não se sente diretamente afetado, e a limitação de recursos humanos e materiais adequados a um enfrentamento político da questão.

As políticas públicas do Brasil e de muitos outros países têm concentrado suas energias na repressão às substâncias ilícitas e a seus usuários, mas pouco têm feito no campo da prevenção ao seu uso e da educação para a saúde e quase nada para

álcool com sucesso, poder, bom gosto e "finesse".

Mas, o que é mesmo droga?

Nossa abordagem, resultado de muito estudo, considera como "droga" os psicotrópicos, que, introduzidos no organismo humano, provocam alterações no sistema nervoso central, em particular alterações da percepção, do humor e das sensações, induzindo, ainda que temporariamente, sensações de prazer, de euforia,

• **DROGAS ESTIMULADORAS** •

ANFETAMINAS OU "BOLINHAS": obtidas em laboratório, são produtos sintéticos. Podem ser comprimidos ou injetáveis. São drogas ilícitas, exceto para uso médico, como anorexígenos. Estão contidas nos moderadores de apetite. Trazem sensação semelhante à da cocaína. Após os efeitos, surgem angústia, pânico, medo, idéias de perseguição, cansaço intenso, depressão, perda de apetite, suor, irritação de pele, entre outras.

COCAÍNA: é um dos mais potentes excitantes do sistema nervoso central. Em estado natural, a coca da região dos Andes é mascada para disfarçar a fadiga, a fome e a sede. Quimicamente potencializada, a coca torna-se um pó branco capaz de estimular o estado de alerta, reduzir o sono e acelerar o pensamento. Seu uso pode causar lesões no septo nasal, alteração do ritmo cardíaco, provocando taquicardia e palpitações. Seu uso continuado provoca graves danos à pessoa.

CRACK: é o nome dado à cocaína transformada por meio de soda cáustica ou bicarbonato de sódio, para se tornar própria para fumar. Pode atingir grau de pureza de até 90%, com a potência maior que a cocaína em

pó. Com muita facilidade cria dependência. Inicialmente, o usuário tem a sensação de confiança em si mesmo, de poder e excitação. Após seu uso, segue-se um período de depressão, paranóia e outros sintomas. A pessoa pode tornar-se violenta e suicida em potencial. É conhecida como a "droga da morte".

MERLA: produzida a partir da pasta básica da cocaína com o acréscimo de querosene, gasolina, metanol ou ácido sulfúrico, é uma droga de baixo custo e rápida dependência. Provoca emagrecimento acelerado, problemas respiratórios, perda de dentes, feridas, insônia e outros sintomas físicos. No nível psicológico, traz sentimentos de perseguição, medo e paranóia.

NICOTINA: aspirada pelo fumo do tabaco, causa inúmeros malefícios cardiológicos e respiratórios. A nicotina produz dependência física. A condição de droga lícita favorece seu uso, embora já tenha sido citada como causadora de 24 doenças.

• **DROGAS PERTURBADORAS** •


MACONHA: é o nome popular de um arbusto de origem asiática. Suas folhas são secas e transformadas em cigarro: o "baseado". A longo prazo e intensamente usada, provoca o aumento do apetite, transpiração excessiva, tremores e ansiedades, aumento dos batimentos cardíacos e estados alterados de consciência.

ECSTASY: droga sintética, é uma mistura de anfetamina e alucinógenos, feita em laboratório e consumida em forma de comprimido ou pílulas. Deixa a pessoa extremamente excitada, provoca euforia e desejo de contato físico. Passado o efeito, a pessoa sente náuseas, pânico, cansaço e fadiga. Em usuários crônicos, pode provocar depressão, demência e delírio.



Toxicomania e dependência

A toxicomania foi definida pela Organização Mundial da Saúde — OMS — como um estado de intoxicação periódica ou crônica, nocivo ao indivíduo ou à sociedade, causado pelo uso repetido de uma droga, com três características básicas: a) desejo irresistível ou necessidade imperiosa de consumir a droga e procurá-la de todas as maneiras; b) tendência de aumentar as doses; c) dependência psicológica, às vezes física, em relação aos efeitos da droga.

A dependência de alguma droga é um caso particular da situação mais ampla da dependência que, desde o nascimento, relaciona todo ser humano com objetos, pessoas e situações, tornando-as indispensáveis para seu bem-estar, auto-estima e equilíbrio psicológico. Mas certas dependências podem causar graves prejuízos, como acontece com a droga. Neste caso, pesam muito as carências individuais dos sujeitos, os possíveis efeitos da droga, e a sensação de prazer dela resultante. Apesar das críticas que podem ser feitas, é corrente a distinção entre a dependência física e psíquica. 



Cinco estrelas para um nome!

Geraldo Araújo Lima

Nas suas recordações de infância, Santa Teresinha conta que, quando divisava no firmamento uma constelação de cinco estrelas que formavam mais ou menos um T, ela exclamava radiante: "Olhe, papai: meu nome está escrito no céu!" Cinco estrelas para um nome!

Por sua vez, os devotos de Maria conhecem um hino, já um tanto antigo, que canta: "O Brasil, nas estrelas do Cruzeiro, / o nome de Maria vê brilhar... / No coração do povo brasileiro, / Ó doce Mãe, teu nome há de reinar".

Efetivamente, em certas ocasiões, o Cruzeiro do Sul aparece de tal for-

ma inclinado que, se traçarmos uma linha imaginária unido as cinco estrelas da constelação, teremos o desenho da letra M, de Maria.

Um nome de cinco estrelas!

Por conseguinte, temos outras maneiras de escrever um nome, além da usual com as letras do alfabeto. Podemos escrevê-lo com as estrelas do firmamento. Ou até com outro tipo de estrelas! Não é somente em Hollywood que as pessoas famosas passam a ser chamadas de "estrelas". Atesta o Livro de Daniel: *Os que são esclarecidos resplandecerão, como o resplendor do firmamento; e os que ensinam a muitos a justiça, hão de ser como as estrelas, por toda a eternidade* (Dn 12,3).

A propósito disto, o nome de Maria jamais aparece em todo o Antigo Testamento. Por sinal, a única Maria nele mencionada é a irmã de Moisés (cf. Ex 15,20; Nm 12,1); mesmo assim, inúmeras traduções preferem grafar "Miriam".

Todavia, o Antigo Testamento encontrou outra maneira de escrever

este "doce nome" (ou, como canta uma moderna canção: "Maria, Maria, Maria! — *She most beautiful word I've ever heard*" = "Maria — a mais linda palavra que já escutei"). Escreveu-o, ao longo dos séculos, com cinco lindas estrelas!

A Bíblia nos apresenta, com cores bem vivas, cinco mulheres (cinco "estrelas"), que são reconhecidas como modelos do proverbial amor de mãe. Cada uma vivendo intensamente um momento decisivo de suas vidas. Se juntarmos esses momentos, essas "fotografias", teremos no fim um retrato ampliado da mãe maior, da mãe de todos as mães, Maria. Seria como que Deus pintando certo por linhas tortas! Acompanhem o trabalho do divino Artista:

Quadro I Mãe dos Macabeus

No livro dos Macabeus descreve-se o martírio de sete irmãos, durante a terrível perseguição do rei Antíoco IV Epífanes, iniciada no ano 167 a.C.



Santa Teresa do Menino Jesus.

Fotos: arquivo

em resolver esse grave problema de outra maneira: através de sua escrava egípcia Agar. Disse ela a Abraão: *Vê, eu te peço: Iahweh não permitiu que eu desse à luz. Toma, pois, a minha serva. Talvez, por ela, eu venha a ter filhos* (Gn 16,2).

Deste modo, Agar concebeu e deu à luz Ismael. Alguns anos depois, a própria Sara concebeu e deu à luz Isaac. Então, a situação de Agar começou a piorar. Sara falou para Abraão: *Expulsa esta serva e seu filho, para que o filho desta serva não seja herdeiro com meu filho Isaac* (Gn 21,10).

Agar foi mandada de volta para o Egito, levando consigo apenas o filho, um odre de água e um pão. Bela bagagem para se atravessar um deserto! Quando acabou a água, ela colocou a criança debaixo de um arbusto e foi sentar-se defronte, a certa distância, não podendo ver o garoto morrer à míngua. Chorava o menino, chorava a mãe! E tal foi o clamor, que Deus, do céu, ouviu e comoveu-se, mandando imediatamente um anjo em socorro de ambos.

E não somente Deus se comoveu com as lágrimas desta mãe... Os dois maiores poetas brasileiros também. Gonçalves Dias compôs um belo poema intitulado: "Agar no deserto". E Castro Alves, no seu não menos belo "Navio Negroiro", recorda o episódio:

*"São mulheres desgraçadas...
Como Agar o foi também,
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm,
Trazendo com túbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma lágrimas e fel.
Como Agar sofrendo tanto
Que nem o leite do pranto
Tem que dar para Ismael".*

Como Agar, Maria percorreu o mesmo caminho, fugindo para o Egi-

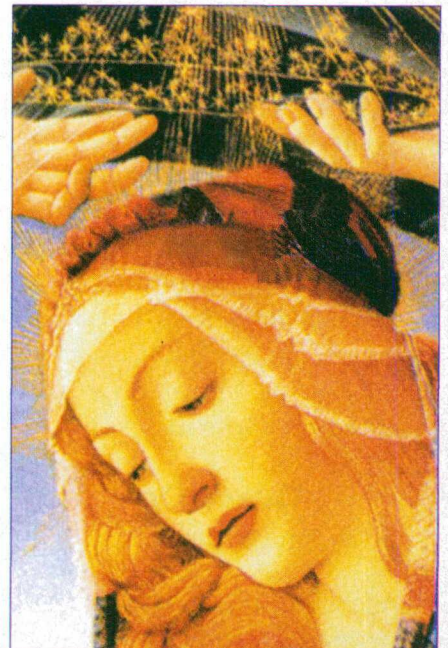
to. Enfrentou o mesmo deserto, o mesmo sol causticante, a mesma fome, a mesma sede...

Quadro III Resfa, esposa de Saul

Na tentativa de resolverem o problema de uma longa estiagem, os gabaonitas tomaram como vítimas sete descendentes de Saul (dois filhos e cinco netos) e os enforcaram. O texto latino diz expressamente: *e os crucificaram diante de Deus* (2Sm 21,9). Resfa, uma das esposas de Saul, era mãe de dois deles. Num ato heróico de amor materno, permaneceu dia e noite diante dos condenados, *e não deixou descer sobre eles as aves do céu durante o dia nem os animais selvagens durante a noite* (2Sm 21,10).

O quadro daquela mãe extraordinária velando os cadáveres de seus filhos, condenados injustamente, comoveu profundamente o coração do rei Davi, que mandou dar sepultura honrosa aos corpos. Comoveu ainda mais o coração de Deus, que mandou logo a chuva para acabar com a seca.

O quadro toca a todos nós cristãos,



Para não desobedecer à Lei, que proibia comer carne de porco (cf. Lv 11,7), todos eles preferiram a tortura e a morte. A começar pelo mais velho, todos foram martirizados com os maiores requintes de crueldade. *Mas, sobremaneira admirável e digna de abençoada memória foi a mãe, a qual, vendo morrer seus sete filhos no espaço de um só dia, soube portar-se animosamente por causa das esperanças que no Senhor depositava* (2Mac 7,20).

A mãe macabéia não só ajudou os filhos a morrer, mas morreu também com eles. Ela é bem um retrato de Maria morrendo misticamente com seu Filho no Calvário, tornando-se deste modo co-redentora da humanidade: *E a ti, uma espada traspassará tua alma para que se revelem os pensamentos íntimos de muitos corações!* (Lc 2,35).

Quadro II Agar, mãe de Ismael

Sara, esposa de Abraão, era estéril. Não podendo ter filhos, pensou

pois nos transporta imediatamente para o Calvário, onde Maria permanece de pé diante da cruz de seu Filho, também ele condenado injustamente. Decorrentes da ação de ambas, quantas chuvas de graças não já caíram sobre a humanidade pecadora!

Quadro IV Ioquebed, mãe de Moisés

Preocupado com o rápido crescimento do povo israelita em seu território, o faraó ordenou que toda criança do sexo masculino que nascesse entre os hebreus fosse jogada no rio Nilo. Sobreviveriam apenas as meninas. Foi nessas circunstâncias que Ioquebed deu à luz Moisés. Como toda mãe-coruja, achou-o muito bonito e tentou salvá-lo da morte; porém, só conseguiu escondê-lo durante três meses. Tinha que jogá-lo no rio. Então, *tomou um cesto de papiro, calafetou-o com betume e pez, colocou dentro a criança e a expôs nos juncos, à beira do rio* (Ex 2,3).

Desta forma, graças à solicitude criativa do amor materno, Moisés foi salvo das garras do faraó, vindo depois a se tornar o salvador do seu próprio povo. E sua mãe, Ioquebed, tornou-se uma pré-figura de Maria, que também teve que usar de toda solicitude criativa do amor materno para livrar seu filhinho, Jesus, do ódio exterminador de Herodes. Com efeito, ele seria o novo Moisés, o verdadeiro Salvador do povo de Deus.

Quadro V Ana, mãe de Samuel

Ana era estéril, à semelhança de outras mulheres bíblicas famosas,

como Sara e Isabel. Pede insistentemente um filho a Deus e o obtém. Todavia, tão logo o desmamou, voltou ao santuário de Silo para oferecê-lo definitivamente ao Senhor, na pessoa do sacerdote Eli: *Meu Senhor, eu sou aquela mulher que esteve aqui contigo, orando a Iahweh. Eu orava por este menino, e Iahweh atendeu à minha súplica. Da minha parte, eu o dedico a Iahweh por todos os dias em que viver* (1Sm 11,26-28).

Ana bem que lembra Maria apresentando o menino Jesus no Templo e



ouvindo as palavras do velho Simeão. Ambas têm consciência clara de que aqueles meninos concebidos em circunstâncias especiais, pertencem totalmente ao Senhor e têm uma missão divina a cumprir perante o povo. Elas não são possessivas e exclusivistas; entendem que *os filhos são como flechas na mão de um guerreiro* (Sl 127,4). Ambas têm a coragem de acionar o arco para que as flechas disparem rumo ao alvo proposto. Ana ajuda

Samuel a ser juiz; Maria ajuda Jesus a ser o Messias.

Aliás, as semelhanças não param aqui... Ana compôs um hino de ação de graças, o qual terminou servindo de base para o cântico de Maria, o *Magnificat* (Cf. 1Sm 2,1-10 e Lc 1,45-55).


Aí estão as cinco estrelas de primeira grandeza de que Deus se serviu para compor o retrato de Maria. Se projetarmos os cinco quadros de uma maneira correta numa tela, teremos por certo um belíssimo *poster* da Mãe de Deus e nossa. Afinal de contas, "em cada mulher que a terra criou um sonho de mãe Maria plantou para o mundo encontrar a paz".

Contudo, não é somente o rosto de Maria que é delineado por estas cinco estrelas bíblicas. Seu nome também. Vejam vocês o belo acróstico que brota da justaposição dos nomes destas famosas mães do Antigo Testamento:

Macabéia
Agar
Resfa
Ioquebed
Ana

Um nome composto por cinco estrelas! Primeiro, pelas cinco estrelas que formam o Cruzeiro do Sul. Depois, pelas cinco estrelas do firmamento bíblico.

De qualquer modo, "cinco estrelas para um nome"!

Por isso quero, posso e devo exclamar: *Vou comemorar teu nome de geração em geração e os povos te louvarão para sempre e eternamente* (Sl 45,18)! 

Geraldo Araújo Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica; prior dos Frades Carmelitas (Piedade) Jaboatão do Guararapes, PE.

Religião do consumo

Frei Betto

O "Financial Times", de Londres, noticiou que a *Young & Rubicam*, uma das maiores agências de publicidade do mundo, divulgou a lista das dez grifes mais reconhecidas por 45.444 jovens e adultos de 19 países. São elas: Coca-Cola (35 milhões de unidades vendidas a cada hora), Disney, Nike, BMW, Porsche, Mercedes-Benz, Adidas, Rolls-Royce, Calvin Klein e Rolex.

"As marcas constituem a nova religião. As pessoas se voltam a elas em busca de sentido", declarou um diretor da *Young & Rubicam*. Disse ainda que essas grifes "possuem paixão e dinamismo necessários para transformar o mundo e converter as pessoas em sua maneira de pensar".

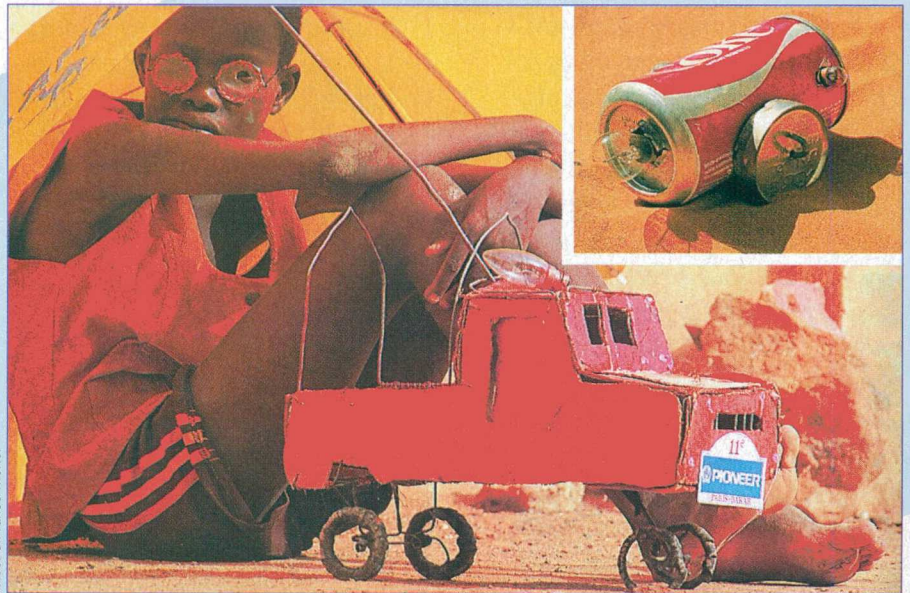
A Fitch, consultoria londrina de design, no ano passado, realçou o caráter "divino" dessas marcas famosas, assinalando que, aos domingos, as pessoas preferem o shopping à missa ou ao culto. Em favor de sua tese, a empresa evocou dois exemplos: desde 1991, cerca de 12 mil pessoas celebraram núpcias nos parques da Disney World, e estão virando moda os féretros marca Halley, nos quais são enterrados os motoqueiros fissurados em produtos Halley-Davidson.

A tese não carece de lógica. Marx já havia denunciado o fetiche da mercadoria. Ainda engatinhando, a Revolução Industrial descobriu que as pessoas não querem apenas o necessário. Se dispõem de poder aquisitivo, adoram ostentar o supérfluo. A publicidade veio ajudar o supérfluo a impor-se como necessário.

A mercadoria, intermediária na relação entre seres humanos (pessoa-

mercadoria-pessoa), passou a ocupar os pólos (mercadoria-pessoa-mercadoria). Se chego à casa de um amigo de ônibus, meu valor é inferior ao de quem chega de BMW. Isso vale para a camisa que visto ou o relógio que trago no pulso. Não sou eu, pessoa humana, que faço uso do objeto. É o produto, revestido de fetiche, que me imprime valor, aumentando a minha cotação no mercado das relações sociais. O que faria um Descartes neoliberal proclamar: "Consumo, logo existo". Fora do mercado não há sal-

seus claustros marmorizados ao som do gregoriano pós-moderno, aquela musiquinha de esperar dentista. Ali dentro tudo evoca o paraíso: não há mendigos nem pivetes, pobreza ou miséria. Com olhar devoto, o consumidor contempla as capelas que ostentam, em ricos nichos, os veneráveis objetos de consumo, acolitados por belas sacerdotisas. Quem pode pagar à vista, sente-se no céu; quem recorre ao cheque especial ou ao crediário, no purgatório; quem não dispõe de recurso, no inferno. Na saída, entretanto,



Fotos: d/Franco Merici

vação, alertam os novos sacerdotes da idolatria consumista.

Essa apropriação religiosa do mercado é evidente nos shopping-centers, tão bem criticados por José Saramago em *A Caverna*. Quase todos possuem linhas arquitetônicas de catedrais estilizadas. São os templos do deus mercado. Neles não se entra com qualquer traje, e sim com roupa de missa de domingo. Percorrem-se os

todos se irmanam na mesa "eucarística" do McDonald's.


A *Young & Rubicam* comparou as agências de publicidade aos missionários que difundiram pelo mundo religiões como o cristianismo e o islamismo. "As religiões eram baseadas em idéias poderosas que conferiam significado e objetivo à vida", declarou o diretor da agência inglesa.

A fé imprime sentido subjetivo à

vida, objetivando-a na prática do amor, enquanto um produto cria apenas a ilusória sensação de que, graças a ele, temos mais valor aos olhos alheios. O consumismo é a doença da baixa auto-estima. Um São Francisco de Assis ou Gandhi não necessitavam de nenhum artifício para centrar-se em si e descentrar-se nos outros e em Deus.

O pecado original dessa nova "religião" é que, ao contrário das tradicionais, ela não é altruísta, é egoísta; não favorece a solidariedade, e sim a competitividade; não faz da vida dom, mas posse. E o que é pior: acena com o paraíso na Terra e manda o consumidor para a eternidade completamente desprovido de todos os bens que acumulou deste lado da vida.

A crítica do fetiche da mercadoria data de oito séculos antes de Cristo, conforme este texto do profeta Isaías: "O carpinteiro mede a madeira, desenha a lápis uma figura, trabalha-a com o formão e aplica-lhe o compasso. Faz a escultura com medidas do corpo humano e com rosto de homem, para que essa imagem possa estar num templo de cedro... O próprio escultor usa parte dessa madeira para esquentar e assar seu pão; e também fabrica um deus e diante dele se ajoelha... e faz uma oração, dizendo: *Salva-me, porque tu és o meu deus!*" (cf. Is 44,13-17).

Da religião do consumo não escapa nem o consumo da religião, apresentada como um remédio miraculoso, capaz de aliviar dores e angústias, garantir prosperidade e alegria. Enquanto isso, Ele tem fome e não lhe dão de comer... (Mt 25,31-40). 

Frei Betto é escritor, autor do romance "Hotel Brasil" (Ática), entre outros livros.

Escravos da nicotina

Pe. Zezinho

É triste ter que dizê-lo, mas milhões de pessoas inteligentes e livres para muitas outras coisas não conseguem libertar-se do seu vício de fumar. Escravos da nicotina, elas lutam tremendamente para deixar de ingerir aquela fumaça. Algo, porém, no seu organismo as impede de realizar o seu desejo. Aquela sabor e aquela sensação que elas sabem que são nefastos, perigosos e até mortais, mostram-se mais fortes do que a sua razão; e elas fumam.


Já foram anunciados mil remédios e mil métodos para libertar os fumantes, mas poucos deles deram resultado porque faltou a força de vontade do fumante. Se bastasse apenas um remédio, todos estariam livres, porque retenho eu, pelo menos 90% dos fumantes gostaria de deixar de fumar, mas não consegue. O triste é que um grande número de adolescentes e jovens, mesmo sabendo dos riscos para a saúde e da escravidão que o cigarro gera, ingressam no mercado do tabagismo, motivados quase sempre por companheiros, pelo charme que é fumar e pela influ-

ência ainda perniciosa de filmes e televisão, onde alguns artistas e pessoas famosas fumam.

Aliás, o cigarro foi difundido no mundo, pela performance e pelo charme dos artistas de Hollywood e da Europa. Gente famosa fumava, e fumava de um jeito charmoso. Foi um marketing das companhias de cigarro para vender aquele veneno, que elas sabiam que era veneno. Tinham que colocar beleza, saúde e charme, as três coisas que o cigarro não pode dar e que em geral tira.

Fazem bem as igrejas que combatem o fumo, as ONG's, os governos e as escolas. Afinal, não importa qual tipo de veneno, é preciso combatê-lo.

O cigarro já fez mal demais. Tudo que pudermos fazer para tirar das pessoas a chance de começar ou para ajudar os que começaram a se libertar, deve ser feito tudo menos à força. À força, ninguém conseguirá.

Cigarro começa através da persuasão e tem que acabar através da persuasão e da força de vontade. 

Pe. Zezinho é escritor, compositor, cantor e conferencista.



IMPRENSA: velar e desvelar

J. B. Libânio



Os antropólogos estruturalistas deleitam-se com as múltiplas formas como a cultura trabalha o binômio: velar e desvelar. Há veios muito interessantes para suas pesquisas. Assim, a mesma roupa que cobre nosso corpo, desvela, desnuda nosso *status* social, nossa cultura, nosso gosto estético.

Tal polaridade também acontece na teologia. A teologia funda-se na Revelação. Revelação é a comunicação do projeto salvador de Deus. Revelar é, portanto, manifestar o que estava oculto e escondido em Deus e agora se torna visível e patente aos seres humanos. Se atinarmos bem, o verbo revelar se compõe do afixo re+velar. Esse afixo "re" denota muitas vezes a idéia de "fazer de novo", como o próprio verbo "refazer" muito bem o diz. Portanto, revelar é "velar de novo", "cobrir de novo". O contrário de manifestar. Como entender esse jogo etimológico? Simples. Deus quando se manifesta, pensamos que já o conhecemos, mas de fato ele se esconde ainda mais e provoca nosso desejo de buscá-lo, de mais "manifestações". Numa palavra, Deus manifesta, escondendo-se e, ao esconder-se, desperta-nos para suas manifestações.

Venhamos agora ao tema da imprensa. À primeira vista, a imprensa proclama em alto e bom som que seu primeiro dever é "informar objetiva-

mente". O que quer significar "revelar a verdade dos fatos". E isso é, em parte, verdade. Mas não pura nem total verdade. Diria mais. A imprensa, não raro, desinforma. Primeiro, por seu silêncio total ou parcial. Ela escolhe as notícias. E algumas simplesmente cala-as. Outras vezes, guarda silêncios parciais. Por quê? Interesses maiores que a informação ou simples regras do mundo jornalístico o pedem. Quando se dizem "interesses", não se quer dizer necessariamente que sejam maus. Às vezes, podem ser bons.



Fotos: arquivo

A imprensa desinforma pela maneira como aborda um tema. Se toda a sociedade fosse madura, culta, esse mal seria menos relevante. Mas,

numa sociedade, como a nossa, cuja cabeça se vai formando ao sabor dos noticiários, a maneira de informar torna-se tão ou mais importante que a própria notícia. É o famoso adágio: "o importante não é o fato, mas a versão do fato".

Toda que vez que ficamos presos ao simples fato de informar, o que informar, como informar, não tocamos o problema central da imprensa. Tem-se que ir mais fundo. Aristóteles já tinha intuído o caminho de solução quando afirmava de modo direto que a "verdade" e o "bem" se convertem, isto é, um é o outro e vice-versa. Aqui parece estar um ponto de saída. Não se trata tanto de informar mas de ir à verdade da realidade e nela encontrar o bem. A verdade da informação existe em vista unicamente do bem. Informar por informar não é nenhum critério ético, mas simples atitude técnica. Informar a verdade que seja fonte de bem é o grande critério ético do existir humano.

Um tema está colocado de modo muito agudo. Até onde informar sobre a violência na sociedade? Tal informação tem gerado ainda mais violência ou, pelo contrário, tem produzido o efeito desestimulador? Responder a essa pergunta é fundamental para se saber o que e até onde informar sobre tanta violência. Não se está criando uma falsa imagem da realidade como se vivêssemos num oceano de violência? Ou, ao não se falar sobre a violência, não se poderia estar ajudando os assaltantes, mantendo as pessoas na sua ingenuidade?

Comunicar ou encobrir deve ser regido pelo princípio da verdade e do bem. Só à luz desse critério maior da comunicação, podemos continuar nossa conversa...

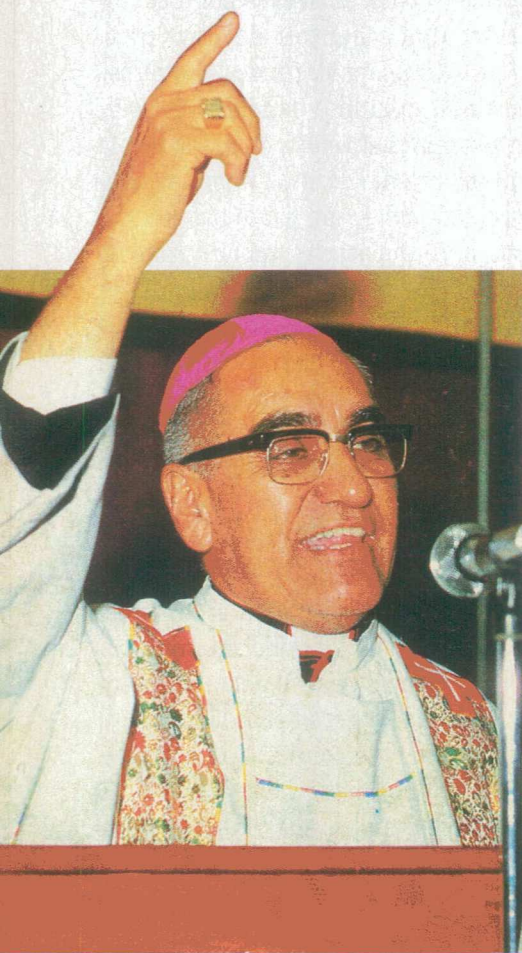


J. B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), Belo Horizonte, MG.

Não nascemos

Angel Iván García

Na oportunidade do 21.º aniversário da morte de d. Oscar Romero, arcebispo de San Salvador, América Central, onde foi assassinado, no dia 24/3/80, apresentamos este artigo de Angel Iván García, natural daquele país, e missionário claretiano.



D. Oscar Arnulfo Romero y Galmádez

Há cerca de quatro meses, o povo salvadorenho sofria um dos mais cruéis pesadelos de sua história, ao ser vítima de dois terremotos quase seguidos, causadores de perdas materiais milionárias e de vidas humanas insubstituíveis. Foi uma situação, cuja lembrança fazem voltar o medo e a angústia ao coração de nossa gente.

Tal desgraça deixou o povo mais pobre e sacrificado, pois os terremotos nada mais fizeram que trazer à luz a situação que permanecia camuflada pelo desenvolvimento econômico de nossa terra: a exclusão e a extrema miséria em que vive (e hoje com mais intensidade) a grande maioria.

É bem verdade que agora se fala muito dessa triste realidade salvadorenha; estão aí os noticiários dos jornais para comprová-lo e é assunto obrigatório entre as milhares de pessoas que perambulam junto às ruínas das casas. Mas o que, no meu modo de entender, é mais grave é que por ocasião da celebração de mais um aniversário de nosso profeta-mártir, Oscar Romero, muitos, talvez por ignorância, continuam espalhando que o ocorrido foi castigo de Deus. Em qualquer situação em que o ser humano se vê afetado, costuma perguntar a Deus o porquê. Muitas vezes, quem sai perdendo nesse questionamento é o próprio Deus.

Se a alguém devemos apontar, seguindo Romero, como responsável pelos males ou como sua causa, "não é Deus quem teria mandado um castigo", mas sim a avareza dos países ricos que, por meio das grandes aglomerados econômicos ou multinacionais, delapidam, cada vez mais, os recursos naturais de nossas terras, provocando um desequilíbrio ecológico, cujo elevadíssimo preço temos de pagar.

Não somente os grandes grupos



Fotos: arquivo

econômicos são responsáveis por esse desequilíbrio. Devemos questionar também as condições infra-humanas em que se encontrava a maioria das moradias que vieram abaixo. Por que os governos não podiam ter dado resposta habitacional adequada, antes que ocorresse desgraça como aquela? Poderíamos continuar perguntando: por que tanta pobreza em San Salvador, se possuímos recursos suficientes para que todos possamos viver como seres humanos? Estamos conscientes das riquezas com que Deus nos cumulou. Que se fez com essas riquezas? Em que mãos foram parar?

Vêem-me à mente as palavras de Ghandi: "A terra tem produtos para todos; mas não suficientes para a ganância do consumismo. Por ironia, a falta de solidariedade se dá em um

para sofrer!



Manifestação do povo salvadorenho quando da visita de João Paulo II em San Salvador, América Central, março de 1996.

... mundo em que todos estamos, uns ao lado dos outros".

Semelhante situação deixou milhares de famílias ao relento, precisando desesperadamente de alguém que lhes dê, ao menos, uma mísera folha de zinco, para se protegerem das chuvas. Ao mesmo tempo, é enorme o número dos traumatizados pela perda dos seres queridos e, pelo próprio impacto psicológico de um fenômeno de tamanhas proporções.

Como pude celebrar uma verdadeira Páscoa, se nem sequer defendo o que pertence, por direito, a milhares de pobres, órfãos e viúvas que esperam solidariedade não fictícia nem apenas publicitária? (cf. Mt 25). Basta citar as palavras de Romero: "antes de se ser cristão, precisa-se ser humano", para nos darmos conta do pouco alcance ou da pouca profun-

... didade dessa frase que, infelizmente, por descaso nosso, vai perdendo sua força...

Insisto em afirmar que a interpretação dos acidentes da natureza (os terremotos, no caso), como expressão da ira de Deus diante de um povo perverso, desfigura o verdadeiro rosto de Deus, que Jesus veio nos trazer: o Deus, pai, misericordioso, bondoso e amoroso.

Ao se celebrar o 21.º aniversário da morte de d. Romero, suas palavras não podem ser esquecidas. Em nossos dias, novamente sua mensagem é um consolo e uma esperança nestes tempos cruciais em que vivemos: "Deus não nos criou para o sofrimento", mas para a felicidade. Não cabe na lógica de Deus que nós, seu povo escolhido, sejamos merecedores de castigo por nosso mau procedimento, porque então Deus não seria Deus!

Lamento muito que grupos de Igrejas, após essa catástrofe, tenham-se dado à tarefa de falsear a imagem de

Deus, projetando-o como um juiz que castiga, que se compraz com as dores de seu povo. Já que cremos e esperamos no Deus de Jesus, sabemos que nosso Deus é aquele que se alegra com nossas alegrias e que sofre com nossos sofrimentos e desditas, é um Deus solidário, como diria d. Romero: "Deus caminha com a história do povo" (Homilia proferida em 11/6/78).

Em outras palavras, a Deus importa muito o que hoje seu povo padece e não fica surdo ao clamor dos mais pobres. Nestes tempos difíceis de fome e de desconsolo, recordar d. Romero não pode ser uma simples lembrança, tem de ser para nós uma adesão a seus próprios sentimentos de solidariedade e acolhida. Não há lugar para posições ambíguas ou para cruzarmos os braços e nada fazermos para que esta dolorosa situação mude.

Espera-nos uma árdua tarefa, durante todo este ano. A história segue seu curso e nós com ela, mas isso de nada nos servirá, se, antes, não nos corrigirmos de nossas omissões ou não nos emendarmos dos danos causados no passado. Porquanto, a carga que os pobres suportam, é uma cruz cada vez maior e mais gritante, apesar da imagem que queiramos criar diante do ídolo da globalização.

Como seguidores de Jesus, com o Espírito que animou d. Romero, cabe-nos reconstruir casas, saciar estômagos vazios, mas, sobretudo, reconstruir pessoas que estão arrasadas e ajudá-las a reencontrar o sentido da vida...



Angel Iván García é teólogo e missionário claretiano em San Salvador, América Central.

D. Oscar Romero, bispo e mártir

Dom Oscar Arnulfo Romero y Galdámez, Arcebispo de San Salvador, foi assassinado em 14 de março de 1980, quando se encontrava celebrando uma missa, na capela do Hospital da Divina Providência, na colônia Miramonte, em San Salvador.

Foi um pastor, um profeta, um amigo, um irmão e um pai de todo o povo salvadorenho, especialmente dos mais pobres, fracos e marginalizados. Foi a voz dos que não tinham voz. Denunciava vigorosamente todo o pecado pessoal e social e anunciava a Boa Nova do Evangelho para sua época.

Comunicação e doentes mentais

"É dever comunicativo da Sociedade referir-se aos doentes mentais humanizadamente"

Francisco Gomes de Matos

Mentalmente discriminados

Em nossa comunicação cotidiana, ao nos referirmos a pessoas portadoras de distúrbios mentais, às vezes recorreremos a um vocabulário diversificado, reflexo de nossos sistemas de crenças, valores e atitudes sobre comportamentos que a sociedade tem considerado "desviantes", mas que os especialistas em saúde mental se empenham em explicar, com base em múltiplos fatores, por exemplo: biológicos, psicológicos, sociais, econômicos. Um levantamento inicial das palavras e locuções usadas para designar as pessoas com problemas mentais incluiria "anormal, desequilibrado, doido, louco, maluco, pirado, *lelé da cuca*". Como uma língua íntegra nosso dia-a-dia, reflete-o e, até certo ponto, pode influir na realidade em que (con)vivemos, deveríamos perguntar: sabemos assumir o controle do que dizemos a respeito do



Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus nasceu com uma vocação de serviço aos doentes mentais, deficientes físicos e psíquicos, de preferência os pobres. (Fotos).

nosso "próximo", particularmente quando essa pessoa é considerada mentalmente marginalizada? A resposta seria: não, porque não aprendemos a usar uma língua — no caso, o Português — construtivamente, humanizadamente. Ao admitirmos nossa falibilidade comunicativa, estamos explicitando apenas um dos aspectos da sociedade atual que, se por um lado é da "Informação", por outro é, também, da "Ignorância". Como esclarece o sociólogo britânico Martin Albrown (*Sociology: the Basics*, London: Routledge, 1999), Vivemos no que alguns chamam de Sociedade da Informação, mas isto não elimina a ignorância. Falamos de expandir as fronteiras do conhecimento, mas, do outro lado da fronteira,

está nosso desconhecimento, nosso despreparo. Assim, à medida que se amplia o conhecimento, vai ficando mais extensa a fronteira conhecimento/ignorância (p.142). Essa ignorância comunicativa é um dos muitos desafios às instituições co-responsáveis pela educação, seja esta formal ou informal, real ou virtual.

Embora nossa sociedade pareça estar despertando para o fato de que os Direitos Humanos devem ser aplicados à saúde mental das pessoas, muitíssimo há por fazer no que concerne à nossa percepção e designação de pessoas portadores de doenças mentais, sejam psicoses, neuroses ou distúrbios de personalidade. Como evitar frases desumanizadoras do tipo "lugar de doido é no hospí-

cio", "só usando camisa de força", "precisa dar mais antidepressivo", substituindo-as por expressões que reflitam atitudes de respeito às pessoas mentalmente diferentes? Alguns dos ingredientes indispensáveis ao nosso pensar, refletir, decidir, agir construtivos sobre nossos irmãos mental ou emocionalmente desamparados são: compreensão, bondade, convívio fraterno (destaque-se o papel relevantíssimo do movimento anti-manicomial, no qual se preconizam políticas de inserção do(a) paciente psiquiátrico na sociedade, iniciativa comentada em *Loucura e Direito à Alteridade*, artigo de Luciana Wickert, na revista *Psicologia. Ciência e Profissão*. Número 1 1998, p. 38-46, publicada pelo Conselho Federal de Psicologia.


De excluídos a cristãmente compreendidos e acolhidos

O maior desafio aos cristãos continua sendo o de aplicar o maior ensinamento de Cristo: amor ao próximo. No caso dos que sofrem de distúrbios mentais (esquizofrenia, por

exemplo), precisamos reeducar-nos a perceber as condições daqueles irmãos-em-Cristo positivamente. É até irônico que, em nossas conversas cotidianas, façamos uso de "louco", "doido" com sentidos bem positivos — "estou louco para ler esse livro", "a menina é doida pelos pais" — mas que discriminemos pessoas com doenças mentais, usando os mesmos substantivos/adjetivos. O papel das comunidades, dos países nesta nova era da Informação/Ignorância é ir além da criação e promoção de sociedades livres ou democráticas: precisamos construir sociedades acima de tudo humanizadoras. Já é hora de cada um de nós, em nossas práticas sociais, em nosso modo de usar o Português (e outras línguas, se for o caso), contribuirmos para uma construção de uma realidade mais justa. Lembremo-nos do sábio conselho do crítico e poeta alemão Herder: "É a humanidade que caracteriza nossa espécie, mas essa qualidade deve ser adequadamente cultivada, por ser apenas uma virtualidade nossa". Que, em nossa interação com pessoas com problemas mentais, saibamos exercer nosso papel de humanizadores, questionando nosso próprio

discurso e o das pessoas em nossos contextos (lar, escola, trabalho, igreja, lazer, etc.). Ao mudarmos nossos modos de descrever os que sofrem mentalmente, contribuiremos para transformar essa realidade tão desumana, injusta e desigual que nos leva a buscar, incessantemente, uma sociedade "humana" ...!

Significativamente, anuncia-se

como iminente, entre nós, a aprovação de lei que extinguirá essa desumanizadora instituição conhecida por "manicômio". Que, juntamente com a extinção da referida entidade — a propósito, "asilo" entrou nas línguas escritas modernas há 600 anos! — desapareçam também as expressões desumanizadoras referentes a "pessoas clinicamente diagnosticadas como sendo portadoras de doenças mentais". Que a mania de despersonalizar nosso próximo mentalmente enfermo, mediante expressões discriminatórias, dê lugar a uma comunicação verdadeiramente cristã. Quando sucumbirmos à tentação de rotular um ser humano como "maluco", etc., lembremo-nos de que a palavra "mania" origina-se do grego "manía", que significa "loucura" 

Francisco Gomes de Matos é professor e pesquisador do Departamento de Letras, em Direitos Lingüísticos, da Univ. Federal de Pernambuco. Membro da Comissão de Direitos Humanos, CAC, UFPE, Recife. e-mail: fcgm@cashnet.com.br

Na Paz do Senhor

Pe. Ângelo Maria Monreal Ayanz, cmf

Nasceu em 23/11/1936, em Enériz, na Espanha. Faleceu no dia 11/3/2001, como superior da comunidade e pároco em Goiânia, GO.

Chegou em Goiânia, em maio de 1998, a comunidade paroquial o acolheu com muito carinho e amor, acompanhando-o com muita amizade nestes seus últimos anos de vida entre eles.

Em 5/8/1962 a ordenação sacerdotal em Salamanca. Em 7/10/1963, chegou ao Brasil, em Pouso Alegre, MG.



Separação entre Igreja e Estado

Ronaldo Mazula

Com a implantação do regime republicano no Brasil, começou também uma nova era para a Igreja. Rompido o laço que a mantinha atrelada ao governo, sentiu-se livre para assumir e desenvolver a sua missão com mais autenticidade e competência. No dia 7.1.1890, o Conselho de Ministros aprovou a separação, seguindo as linhas da proposta de Rui Barbosa, cujo projeto foi aprovado unanimemente. Eis seu conteúdo:

"ART. 1- Proíbe-se à autoridade federal expedir lei, regulamentar e estabelecer alguma religião criando diferenças entre os habitantes do país, sustentando a mesma com o orçamento da união.

ART. 2 - Todas as religiões têm a faculdade de exercerem o seu culto, de serem regidas de acordo com sua fé e não podem ser contrariadas, quer em atos particulares ou públicos.

ART. 3 - Esta liberdade estende-se aos indivíduos e às igrejas, associações, institutos. Todos têm direito de viver coletivamente, sem a intervenção do poder público.

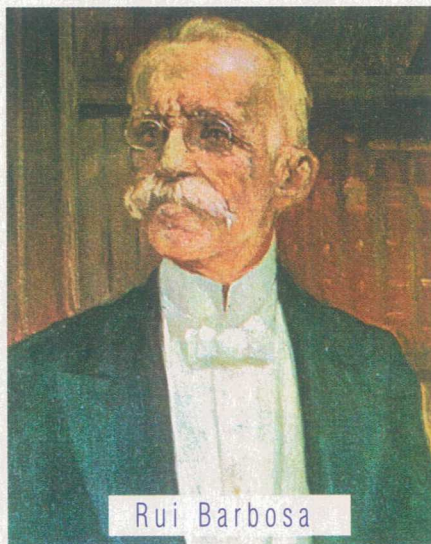
ART. 4 - É extinto o Padroado com todas as suas instituições.

ART. 5 - A todas as crenças religiosas reconhece-se sua personalidade jurídica. Todas podem ter seus bens e administrá-los segundo os ditames da lei.

ART. 6 - O Governo Federal con-

tinuará pagando os atuais serventuais do culto católico e, por um ano, as cadeiras dos seminários, ficando livre a cada Estado o arbítrio de manter os futuros ministros de qualquer culto" (KELLER, E. D. A Igreja no Brasil. Das tribos indígenas às comunidades de base, S. Paulo, FTD, 1988 p. 68-69).

Hoje, reconhece-se que foi uma medida viável e sábia para o momento histórico em que se vivia. Não se pode esquecer que nos anos anteriores sempre se intensificara o conflito entre a Igreja e o Poder Público. A política de separação continuou com a lei, de 24.1.1890 que reconhecia os matrimônios civis, com a secularização da educação e exclusão da religião do currículo escolar. A muitos causou surpresa e descontentamento



Rui Barbosa

aquela atitude tomada pelo Governo Provisório. Tanto que a atitudes dos bispos, reunidos naquele mesmo ano, foi a de pedir a não-exclusão da Igreja da esfera pública. Infelizmente, era difícil para a hierarquia católica entender que a nova classe política que assumia o poder estava claramente movida por idéias positivistas e liberais e, que um estado confessional era realidade quase impossível de se viabilizar.

Nova realidade

Foram essa situação e a Constituição 'importada', segundo T. Bruneau, as razões da tomada de tais medidas: "A falta de influência da Igreja junto aos novos líderes tanto em nível ideológico quanto em nível organizacional e o fato de a nova Constituição ter sido moldada conforme as de outros países, especialmente França e Estados Unidos, nenhum dos quais reconhecia alianças entre a Igreja e o Estado" (BRUNEAU, T.C. *Religião e Politização no Brasil*, SP, Loyola, 1979, p. 28).

O importante dessa fase foi ter presente que a separação era um processo bem-definido e claro para a Igreja e para o Estado. Foi difícil para a Igreja começar a andar e agir por si mesma. Nem se podia exigir muito de uma instituição que sempre tinha sido

protegida e dirigida por outros. Então, vendo-se sozinha, sentiu-se fraca e sem eficazes iniciativas. É muito clara a análise feita por d. Jaime de Barros Câmara, que fala de vantagens e desvantagens para a Igreja.

"Desvantagens: a religião católica perdera o privilégio de religião oficial do Estado tinha desaparecido; perdera uma certa autoridade moral; os subsídios.

Vantagens: reconquista da liberdade, não ficando mais sujeita à Lei do Padroado; bispos e padres podiam desenvolver a administração e o trabalho pastoral independente da autoridade civil; no Império, os sacerdotes e bispos eram vistos como funcionários públicos, agora eles ti-



Cardeal Arcoverde

nam um reconhecimento maior, eram pastores; reforço das relações com a Santa Sé e, conseqüência disso, foi a chegada de um novo nuncio para o Brasil, em 1901, e a nomeação de d. Joaquim Arcoverde como o primeiro cardeal da América Latina; criação das novas dioceses, pois o Brasil contava, já em 1900, com 17 dioceses apenas. Em 1910, criaram-se 8 arcebispados, 2 prelaças e 3 prefeituras apostólicas; revigoramento da vida eclesial: congressos, encontros, pastorais coletivas, etc." (cf. CÂMARA, J. B. *Apostamentos de História Eclesiástica*, Petrópolis, Vozes, 1945, p. 317-318).

Posição do episcopado

Reflexo desse novo vigor foi a "Pastoral Coletiva", de 19.3.1890, assinada por todos os bispos brasileiros. Era é uma reflexão a respeito da nova situação da Igreja ante a questão da liberdade. Os bispos aproveitaram aquele momento para pedir aos cristãos observância dos deveres e obediência às suas determinações. Já em agosto de 1890, foi realizado o primeiro Encontro Episcopal Nacional, onde os bispos procuraram traçar as regras para assegurar à Igreja uma sólida estabilidade. Muitos problemas foram discutidos: restauração da hierarquia, união dos bispos, reforma do clero, fundação dos seminários, atenção aos imigrantes, evangelização dos índios, etc.

Os bispos brasileiros solicitaram também ao papa Leão XIII a criação de novas dioceses e a divisão do Brasil em duas províncias eclesiásticas, pedidos que foram aceitos prontamente. Naquele período, os bispos brasileiros pediram com maior insistência a vinda de congregações estrangeiras para ajudarem na evangelização do imenso país.

Foi naquele momento de transição que a Igreja deveria assumir uma linha de pensamento e ação que fosse a base de todos os trabalhos pastorais. Mas, qual linha, qual método seguir? Como se devia pautar a ação dos bispos, padres e leigos? Depois do período inicial, de incertezas, erros e acertos, onde muitos bispos e padres ainda lamentavam a separação e a hierarquia defendia a união com o Estado, começaram-se a distinguir duas linhas de pensamento e ação. Uma liderada pelo pe. Júlio Maria e a outra por d. Sebastião Leme, conforme veremos na próxima edição.



Ronaldo Mazula é missionário claretiano e professor de História da Igreja.

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS



UM CONVITE
"Vem e segue-me".

UM CAMINHO

Seguindo as pegadas do Mestre.



UM GUIA
Jesus Cristo.
Ao estilo de Claret.



UM IDEAL
Ser claretiano.

Missionários Claretianos



Se você estiver em um destes Estados, escreva para:

Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul:

Pe. Ivo Rogério da Silva

Centro Claretiano de Formação Missionária "Padre Clotet"

Cx. Postal, 412, CEP 85501-970, Pato Branco, PR
Tel. (0__46) 224-2129 clotet@witeduck.com.br

Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás e Distrito Federal:

Pe. Márcio Silva Souza

Secretariado Vocacional Claretiano

Cx. Postal, 1438
CEP 30160-01 Belo Horizonte, MG
Tel. (0__31) 222-3154 curiabc@digitus.com.br

São Paulo, Mato Grosso, Nordeste e outras regiões:

Pe. Janivaldo Alves dos Santos

Secretariado Vocacional Claretiano

Cx. Postal, 1205, CEP 01059-970 São Paulo, SP
Tel. (0__11) 9978-3893
janivald@netpoint.com.br
www.cmf.br/vocacional

Flávia Domitila

**Virgem e Mártir,
(morreu no ano de 95)**

7 de maio



Quando Jesus fundou a Igreja, não a organizou com a estrutura que existe hoje. A Igreja foi-se organizando aos poucos. Assim, os primeiros séculos da antigüidade cristã

foram marcados pela fase de expansão externa e organização e estruturação internas. Já em meados do primeiro século surgiram várias dificuldades que afetaram a vida eclesial: os cristãos ju-

daizantes que queriam adaptar o Cristianismo nascente exclusivamente a partir de conceitos e costumes judaicos; as idéias gnósticas, geradoras de doutrinas falsas, combatidas pelos Apóstolos e es-

O século XV viu nascer, viver e ser assassinada Santa Joana D'Arc, naquele que foi considerado um dos grandes erros de um tribunal eclesiástico inquisitorial. Aquela época foi marcada por vários movimentos de reforma na Igreja, por sérias crises eclesiásticas e pela longa e terrível "Guerra dos Cem Anos", entre duas nações tradicionalmente cristãs, França e Inglaterra.

Num contexto de reformas e crises eclesiais e da "Guerra dos Cem Anos", que durou de 1337 a 1453 foi que viveu Joana D'Arc, caso muito especial na hagiografia (escritos da biografia da vida dos santos) católica. A guerra, quase sempre, foi instigada pelos ingleses e os principais combates aconteceram no território francês, provocando grande devastação nas cidades e zonas rurais e muita pobreza e pro-

blemas para o povo. Joana nasceu na aldeia de Domremy, no seio de uma pobre família camponesa.

Na sua adolescência, com 13 anos de idade, começou a ter visões e ouvia vozes que afirmavam ser ela encarregada de libertar a França do domínio inglês que naquele período conseguiu várias vitórias significativas contra os franceses. Assim, conseguiu vários apoios, inclusive do futuro rei, Carlos VII. Chefiando um exército, Joana venceu várias batalhas. Com suas vitórias, a França readquiriu confiança e Carlos VII foi coroado rei na cidade de Reims. Sua influência começou a crescer tanto na Inglaterra como na França e muitos começaram a ter ciúme dela, inclusive o próprio rei, que por interesses pessoais assinou uma trégua com a Inglaterra. Foi armada uma armadilha contra Joana e ela se

tornou prisioneira da Inglaterra. Num processo iníquo e vergonhoso, foi torturada e humilhada. Apelou ao Papa mas, sua apelação não chegou lá.

Assim, foi condenada e morreu queimada, com apenas 19 anos de idade, na cidade francesa de Rouen, em 1431. Vinte anos após sua morte, as atas do processo foram revisadas por iniciativa do papa Calisto II. Cresceu, então, a veneração do povo francês por ela. Foram reconhecidos sua fé pura e inocente, sua obediência à palavra de Deus, seu senso de justiça e o seu amor à verdade, o que lhe custou a vida.

Ela foi canonizada somente no ano de 1920, pelo Papa Bento XV. "Entre todas as histórias dos santos, a de Joana D'Arc está, sem dúvida, entre as mais extraordinárias e incríveis.

Uma jovem camponesa e inculta, à frente de um exército, derrotou

critores neotestamentários. No tocante às perseguições, existiam vários motivos pelos quais o Império Romano perseguia os cristãos: a acusação de ateísmo, pois eles não veneravam os deuses do Império, o que atrairia desgraças para a sociedade romana; a acusação de maus cidadãos, pois eles não participavam da vida pública e social; a acusação de desobediência e rebelião política, pois eles não veneravam ao imperador como se fosse um deus.

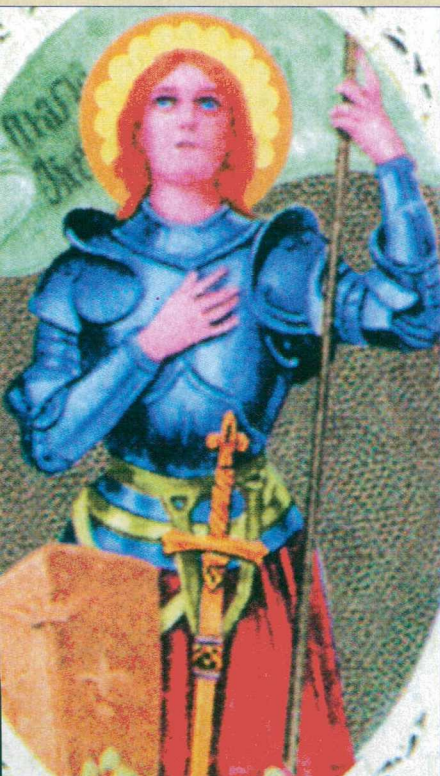
Foi neste contexto que viveu Santa Flávia Domitila. Pertencia a família nobre romana e era sobrinha do cônsul romano Flávio Clemente. Este se tornou cristão e foi martirizado no tempo do imperador Domiciano. Flávia cresceu adorando os deuses do Império Ro-

mano e estava prometida em casamento ao filho de um cônsul romano. Diz a tradição que, influenciada por dois diáconos cristãos, Nereu e Aquiles, também martirizados, ela renunciou ao casamento e optou pela virgindade. Isto causou a ira de Aureliano, seu noivo. Então, ele instigou o imperador a prender Flávia e ela foi deportada para a ilha de Ponza. Lá não renunciou à virgindade e permaneceu fiel. Morreu num incêndio colocado em sua casa provocado por um irmão de seu ex-noivo. Alguns destes fatos são considerados lendas. Porém, para a Igreja o que conta foi a fé inquebrantável dessa jovem e seu testemunho de vida.

Atualmente vivemos numa sociedade onde o sentido e o respeito pela vida

são banalizados. Tudo se compra, consume-se e se materializa. Numa sociedade erotizada e erotizante, não se valorizam os sentimentos, o respeito pelo corpo e pela sexualidade do próximo. Neste contexto, o mundo atual precisa de pessoas que como Santa Flávia Domitila, sejam modelo de:

- pessoa que se converte a Cristo e renuncia à sua vida passada, assumindo a busca da santidade com empenho;
- pessoas que têm objetivo claro e não deixam que nada as afaste do mesmo;
- pessoas que respeitam a sua dignidade e a dignidade dos outros;
- pessoas que não se vendem, nem o próprio corpo e a alma, para ter bens materiais ou as falsas seguranças que este mundo oferece.



um outro poderoso, venceu os fortes, coroou um rei e acabou morrendo numa fogueira, tudo isso num período de dois anos. Acontecimentos conexos com a história de uma nação inteira, com um colorido de fortes tintas patrióticas e místicas". (cf. SGARBOSSA, M.-GIOVANNINI, L. *Um Santo para cada dia*. SP, Paulus, 1983, p. 170).

Ainda existem guerras que geram morte e violência em várias regiões do mundo. Os fortes querendo dominar os mais fracos ou provocando guerras fratricidas. Precisamos de pessoas que lutem pela paz e contra toda forma de opressão e violência. Neste contexto,

Joana D'Arc

**padroeira dos
franceses
(1412-1431)
30 de maio**

Joana é exemplo de pessoa que:

- está atenta à voz de Deus e que evita a violência para conseguir seus intentos, convidando todos à reconciliação e à paz;
- dedica-se exclusivamente à vontade de Deus e à sua Igreja;
- é fiel à verdade que muitas vezes leva ao martírio.



Senhora do santo cordão

Roque Vicente Beraldi

Na França, há uma cidade chamada Valenciennes, situada no Cantão Norte. Entre as várias igrejas lá existentes, a mais famosa é a de Notre-Dame-du-Saint-Cordon. Edificada no estilo gótico por Grigny d'Arras, substituiu outra igreja que, por sua vez, tomou lugar da capela antiga que Carlos Magno tinha mandado construir em honra de Nossa Senhora. A Revolução Francesa a demoliu.

O atual templo tem uma torre de 83 metros de altura. Não é, porém, por causa desse campanário que ela sobressai. Mas porque foi erguida em agradecimento à Mãe de Deus, para servir como um marco de recordação e perpétua gratidão pela extinção de uma peste que assolou o povo em meados de 1008. Aproximadamente oito mil pessoas morreram.

Sabendo desse grande infortúnio, um eremita orou à SS. Virgem para

que intercedesse a Deus pelos habitantes. Maria atendeu à súplica do eremita. De sete para oito de setembro, festa da Natividade de Nossa Senhora, a noite ficou iluminada por um clarão nunca visto. Toda gente pôde contemplar a figura bondosa de Maria, entregando a um anjo, um novelo de cordão. Ordenou-lhe que o desenrolasse circundando a cidade. Ao concluir seu trabalho, a visão sumiu e a peste desapareceu.

Naturalmente, a população vibrou de alegria. Em sinal de agradecimento, homens, mulheres, crianças e idosos percorreram em procissão ao redor da cidade e recolheram o cordão que está conservado num relicário de madeira dourada, na igreja "Notre-Dame-du-Saint-Cordon" (Nossa Senhora do Santo Cordão).

A cada ano essa procissão é promovida na festa do Nascimento de Nossa Senhora.



ORAÇÃO

Maria, Mãe bondosa, que por um cordão livrastes da morte pestífera os habitantes de Valenciennes, concedei-nos também a nós, vossos devotos, sejamos livres da morte perniciosa do pecado. Por Cristo Senhor nosso. Amém.

Roque Vicente Beraldi é missionário claretiano.



JOVEM,

Você busca luzes para responder aos desafios da realidade do novo milênio?

Venha conhecer as

Missionárias das Fraternidades Evangelizadoras

Este Instituto serve exclusivamente à igreja particular (diocese) e vive no modo secular de Vida Consagrada.

Informações:

Estrada do Alvarenga, 5.104,
Bairro 7 Praias, São Paulo — SP

Fone: (0_ _11) 5674-0862
Ir. Izabel ou Ir. Marilza.

Ymyrapytã: 500 anos!

Elias Leite

YMYRAPITÃ: *ybyrá:* árvore, madeira + *pytã* (pytanga): vermelha, cor de fogo ou brasa. Daí, Brasil ou braseiro.

Continuamos a série de nomes de cidades de origem tupi, iniciada na revista de janeiro de 2000 em homenagem aos assinantes, que residem nessas cidades.

GLOSSÁRIO ETIMOLÓGICO

CIDADE	NOME EM TUPI	SIGNIFICADO	MUNICÍPIO
PIRACICABA, SP	pirá'cyk'aba	pirá: peixe + sykaba: colheita, captura: pescaria.	82.888 habitantes: 67.822 homens, 15.066 mulheres; da área urbana 79.797, da área rural 3.091. Contrariando dados do IBGE, Piracicaba 283.634 habitantes / 1.426 km ² .
PIRAPORA, MG	pirá'pora	pirá: peixe + pora: o pulo, o salto de peixes. Acontecimento frequente nesta cachoeira do Rio S. Francisco. A cachoeira de Pirapora.	46.233 hab. / 581 km ² . Porto fluvial. Turismo.
PIRAQUARA, PR	pirá'kuara	pirá: peixe + kuára: toca, esconderijo. Esconderijos de peixes.	52.486 hab.: 27.533 h., 24.953 m.; área urb.: 28.109, rur.: 24.377. Contrariando o IBGE (1996), atualmente: 106.764 hab. / 353 km ² .
PIRASSUNUNGA, SP	pirá'sununga	pirá: peixe + sununga: o barulho de peixes. Á margem do rio Mogiguaçu.	56.734 hab. / 727 km ² . Agricultura, Indústria de bebidas, Escola de cadetes da Força Aérea.
PIRATININGA, SP	pirá'tining	pirá: peixe + tinga: seco. Os peixes secavam ao sol, após as enchentes do Anhangabaú.	Município paulista, 9.630 hab. / 388 km ² . Nome primitivo da cidade de São Paulo, capital do Estado.
SABARÁ, RS	itá'berá	alteração para ta-bará - itá: pedra + berá (beraba) brilhante. O nome da histórica cidade mineira procede de Tabarabuçu (itá'berab'uçu) = a pedra grande brilhante, a serra das esmeraldas, o sonho dos bandeirantes. Sabarabussú, sint. Sabará.	100.539 hab.: 48.863 h., 51.676 m.; área urb.: 80.751, rur.: 19.788 / 317 km ² . Mineração de ferro, siderurgia. Importante centro histórico. Turismo.

OBSERVAÇÕES: Dos nomes locais de origem tupi, uns conservam a forma original, outros foram alterados na grafia; outros ainda, por formação inadequada e até fantasiosa, não correspondem à origem da língua e têm sua interpretação dificultada, às vezes até impossível. Como era língua só falada, a grafia ficava por conta do ouvido de quem escrevia. Fontes: IBGE (1996), Enc. Larousse Cultura (1998) e Folha de São Paulo.

Gerando comportamentos

Wimer Botura Jr.

Possuímos uma informação do passado, vinda de uma matriz, que se transforma num comportamento filial, em que tomamos tudo como sendo para nós ou contra nós, apesar de realmente não ser esta a verdade da situação.

Esta é uma postura muito frequente, embora boa parte das pessoas prefira se colocar como vítima e achar os culpados, projetando em outros a intenção de agressão que não é verdadeira, e sim criada a partir de seu próprio comportamento filial. Sendo intencional ou não, dói tanto na pessoa que é acusada, como na que se faz de vítima. Afinal de contas, estamos cansados de ver pessoas morrerem por balas perdidas que não eram dirigidas intencionalmente contra elas, mas que as mataram. O que vale é o fato em si. Pais com as melhores boas intenções, por exemplo, agredem sem querer.

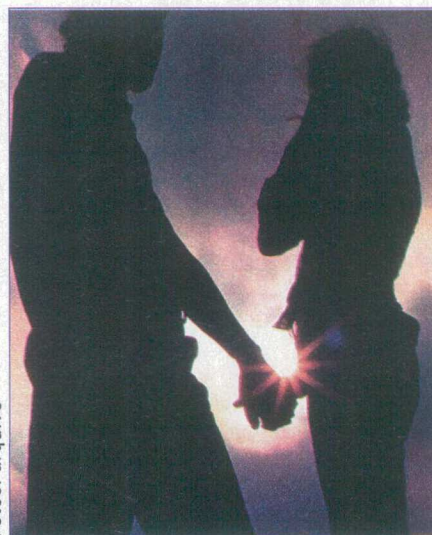
Pela existência de matriz e filiais, nem sempre a mesma explicação torna compreensível uma problemática; são necessárias diferentes formas de se abordar o tratamento das dificuldades. Vamos analisar um caso, para vermos com clareza essa questão dos comportamentos adquiridos.

Marilda é uma criança de três anos de idade, moradora de uma cidade do interior de Minas Gerais. Seu pai é representante de uma empresa, um viajante, e semanalmente se ausenta de casa e da família para resolver seus negócios e ganhar a vida.

Como o pai viaja sempre às segun-

das-feiras, a mãe de Marilda, no domingo à noite, reúne os filhos para rezar o terço. Oram, com fervor, para que Deus proteja o chefe da família durante sua viagem. A intenção da mãe é de proteger o marido: tem medo que algo de trágico possa lhe acontecer. Sua fé é tamanha que, depois das orações, dorme tranqüila e sossegada. Acredita que Deus estará cuidando de seu companheiro.

Marilda, ao contrário de sua mãe, nestas noites domingueiras, fica inquieta e demora para pegar no sono. Sem ter a consciência de sua inquietação,



Fotos: arquivo


e apenas com os seus três anos de idade, vai internalizando que "viagens são coisas perigosas". Embora nunca tivesse acontecido qualquer tipo de problema com seus familiares, começa a acreditar que viajar não é um bom negócio, viajar pode trazer problemas para aqueles de quem ela gosta.

Marilda passa a ter medo de an-

dar de carro. O medo lhe dá náuseas, vômitos, suores frios nas mãos. Sua mãe, que não tem noção do que está ocorrendo com a filha, recorre a medicamentos. Os remédios, no entanto, não têm resolvido o problema, e Marilda sempre passa mal no carro.

Agora, a situação tem-se agravado. Os pais acham que Marilda é muito mimada e birrenta. Afinal, ela não quer mais andar de carro e chora quando seu pai vai viajar.

Embora possa parecer, em alguns momentos desta leitura, que sejamos contra a educação e a família, isto não é verdade. Aqui, revelamos apenas o que acontece nas relações humanas, como se estivéssemos fazendo raios X da comunicação. Ou seja, estamos desvendando aquilo que acontece e as pessoas não percebem. Não se trata apenas de mostrar a violência declarada nos relacionamentos, mas também explicitar que várias informações são transmitidas no dia-a-dia que irão gerar emoções e decisões diferentes em cada um dos envolvidos.

Desta forma, a relação pais e filhos — a primeira fonte de informações da criança ao vir ao mundo — não resulta na educação que a maioria dos pais espera e deseja para os seus herdeiros. Ao mostrar a violência surda e invisível das relações humanas, acreditamos que seja possível reduzi-la, e esta redução trará benefícios enormes à sociedade como um todo. 

Wimer Botura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro *A paternidade faz a diferença*, Ed. Gente.

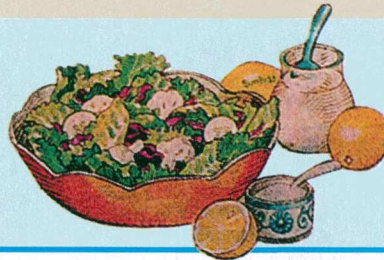
ENTRADA SALADA SURPRESA

Ingredientes

Sal
Alguns tomates grandes
Pimenta-do-reino
Molho de maionese
Picles
Alface
Pepino

Modo de preparar

1. Retire o miolo dos tomates e misture com o molho de maionese, o sal, a pimenta-do-reino, o picles cortado bem fininho e alguns pedacinhos bem frios de pepino.
2. Recheie os tomates. Enfeite-os com uma folhinha de alface bem nova.
3. Sirva sobre folhas de alface um tomate para cada pessoa.



Ingredientes

1 kg de batatas cozidas e amassadas
2 xícaras/chá de farinha de trigo ou mais, se necessário
2 ovos
1 dente de alho amassado e sal a gosto

PRATO PRINCIPAL NHOQUE DE BATATAS

Modo de preparar

1. Prepare primeiro o molho. Aqueça o óleo e doure ligeiramente a cebola e o alho.
2. Bata os tomates no liquidificador com a água e peneire.
3. Junte o tomate, a massa de tomate e tempere com sal a gosto. Deixe cozinhar em fogo baixo por uns 30 a 40 minutos, até apurar.
4. Misture a batata amassada, os ovos, o alho e o sal. Acrescente a farinha de trigo aos poucos, amassando com as mãos até obter uma massa lisa que solte das mãos.
5. Divida a massa em várias partes e forme rolinhos. Corte os nhoques com uma faca sobre a superfície polvilhada com farinha de trigo. Cozinhe os nhoques aos poucos, em bastante água com sal, até subirem à superfície da água. Coloque-os numa travessa e mantenha-os aquecidos em banho-maria.
6. Regue com o molho e polvilhe com bastante queijo ralado.

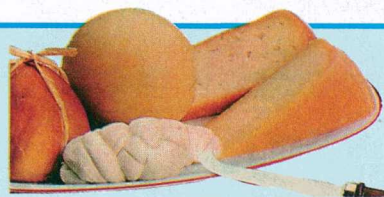
Molho

1 kg de tomates maduros
1 xícara/chá de água
1 colher/sopa de massa de tomate
2 colheres/sopa de óleo
1 cebola ralada
2 dentes de alho amassados
queijo ralado

SOBREMESA PUDIM DE QUEIJO

Ingredientes

4 ovos
1 copo de leite
1 pires de queijo ralado
2 colheres/sopa de farinha de trigo
4 colheres/sopa de açúcar.



Modo de preparar

1. Bater bem no liquidificador, os ovos, o leite, e o açúcar. Em seguida, colocar a farinha e o queijo.
2. Assar em forma caramelada, em banho-maria.

Hino nupcial

poema para casamento na corte

SALMO 44 (no hebraico 45)

1 *Ao mestre de canto. Segundo a melodia Os L rios.
Hino dos filhos de Core. Canto de amor.*

Dedicatória

2 Do meu coração afloram palavras sublimes.
Ao rei dedico o meu canto.
Minha língua é como a pena de um ágil escrivão.

Ao rei

3 Tu és o mais belo dos filhos dos homens.
Tuas palavras são cheias de encanto,
porque Deus te abençoou para sempre.
4 Cinge à cintura a tua espada, valente guerreiro:
é teu ornamento e tua glória.
5 Monta em tua carruagem, parte para a vitória,
em defesa da verdade, da justiça e piedade,
e tua destra te conquiste feitos gloriosos.
6 Penetrantes são as tuas flechas. A ti se submetem os povos.
Perdem o ânimo os inimigos do rei.
7 Teu trono, ó deus, subsiste para sempre, sem fim.
Cetro de justiça é o teu cetro real.
8 Tens amor ao bem e detestas o mal,
por isso Deus, teu Deus, te ungiu com óleo de alegria,
de preferência a teus companheiros.

9 Tuas vestes exalam perfume de mirra, aloés e incenso.
No palácio de marfim te encantam os sons das harpas.
10 Filhas de reis formam o teu cortejo.
À tua direita está a rainha, ornada de ouro de Ofir.

À rainha

11 Ouve, filha, vê e presta atenção:
esquece teu povo e a casa do teu pai.
12 O rei se encantarà da tua beleza.
Ele é teu senhor: inclina-te em sua presença.
13 Habitantes de Tiro e os mais ricos do povo
virão com presentes implorar teu favor.
14 Em toda a sua formosura, entra a filha do rei.
Suas vestes, recamadas de ouro!
15 Em roupagens multicores é apresentada ao rei.
Após ela são-te apresentadas as jovens, suas companheiras.
16 Levadas entre alegrias e júbilos,
ingressam no palácio real.

Votos

17 Teus filhos tomarão o lugar de teus pais:
tu os estabelecerás príncipes por toda a terra.
18 Celebrarei o teu nome através das gerações.
E os povos te louvarão eternamente.

ESCLARECIMENTO

Homenagem composta por um poeta da corte. Solene casamento de um rei. Cerimônia de estilo oriental.

Lembra os salmos 2, 71(72), 109(110), Isaías 11, Cântico dos Cânticos, especialmente 3,6-11.

O noivo tem características ideais do futuro Messias: herói, rei, justo, eterno, vitorioso, rico e belo. Não obstante, o salmo não pronuncia o nome do rei.

Este silêncio facilita a transposição de sentido para Alguém superior. Deus, conquanto único mestre em Israel, delega seus poderes ao rei. Pela sagração, este se torna filho adotivo de Deus, *messias* de Deus, *cristo* de Deus, *ungido* de Deus (as três palavras grifadas são tradução uma da outra). Por conseguinte, o que toca à pessoa e à vida do rei reveste caráter religioso.

Um profano lê nosso salmo como simples canto nupcial, poesia de casamento, exibição, o "casamento do século". Nós vamos

muito além: celebramos o encontro de Deus com sua criatura, de Javé com o povo eleito, de Jesus com sua querida Igreja, da Santíssima Trindade com cada alma em estado de graça. Portanto, com cada um de nós. Particularmente, com a mais santa de todas as criaturas, a Mãe de Jesus, nossa Senhora. Assim imaginando, recitamos o salmo com o coração a transbordar de amor e gozo, de humildade e gratidão: a festa aí celebrada é festa nossa com Deus, é festa de Deus conosco. Lembra o sugestivo nome *Im-anu-El* (Emanuel) – Isaías 7,14.

Maio, mês de Maria

Se a personagem feminina em destaque no salmo representa a santa Igreja, quem não pensará logo na mais santa filha da Igreja – filha de Deus, mãe de Deus, esposa de Deus? Tudo de bonito que o culto cristão atribui à Mãe de Jesus – esplêndidas vestes, flores, ouro, diademas, brincos, gestos e sorrisos – nosso salmo, espiritualmente interpretado, já o faz.

Maio, mês dos casamentos

Meu Deus, dai aos noivos a convicção de quão santo e sagrado é o cortejo até o juramento perante o altar. Que se preocupem muitíssimo mais com a beleza interior, a presença de Deus, a vivência da religião, do que com o aparato externo, muita vez sem conteúdo duradouro. Como a realidade de hoje se distanciou do ideal divino!

*

Pela sua riqueza doutrinal, o poema é lembrado umas 30 vezes durante o ano. Entoado nas três “chegadas” do eterno Filho de Deus entre nós: 25 de março – encarnação no seio de Maria Santíssima, 25 de dezembro – nascimento em Belém, 2 de fevereiro – apresentação, no templo. Celebra a nobreza do heroísmo cristão, nas festas das santas virgens e também nas festas das santas mulheres. E que bonito ficaria cantá-lo também em outras festas, como na transfiguração de Jesus – 6 de agosto, na concepção imaculada de Maria – 8 de dezembro, no dia ou aniversário do batismo, etc.!

3 Jesus Cristo é dotado de um encanto inenarrável, que provém do conjunto das suas qualidades, efeito da bênção eterna, a bênção única com que Deus Pai o ungiu. (Como disse, *cristo* quer dizer *ungido*; é participio do verbo *ungir*, consagrar com óleo.) Cristo-Deus constitui a infinita complacência do Pai, a eterna delícia dos anjos, dos santos e das almas puras, nossa admiração no céu sem fim!

7 *Teu trono, ó deus.* Por hipérbole (exagero), por cortesia e também por convicção religiosa, os reis, os príncipes e os juizes recebem o nome de *deuses*. Os versos 7-8 estão em Hebreus 1,8.



10 Os monarcas tinham várias esposas. Mas não são elas que merecem destaque, e sim a rainha-mãe. A esta parece referir-se o v. 10, contrariamente ao que pensávamos, acostumados com a monogamia, que é lei no mundo ocidental. Entre várias pretendentes, o rei enamorou-se de uma, cuja chegada ele aguarda, tendo a seu lado a rainha-mãe... Mesmo assim, pode referir-se a Nossa Senhora o quadro inteiro do salmo: seja como esposa, seja como rainha-mãe ou como filha (v. 11), a Santíssima Virgem destaca-se como filha predileta do Pai, como predestinada mãe do Filho, como íntima esposa do Espírito Santo. Nossa **Salve Rainha, mãe de misericórdia** poderia, até, ser assim: **Salve, Rainha-Mãe...**

11 Quem se casa tem que deixar certos costumes anteriores. Quem anuncia o Evangelho deve desprender-se de suas próprias maneiras de ver, para se tornar tudo para todos. Muito mais, quem pretende viver intensa união com Deus: sabe que deve esquecer tudo o que não é o Esposo, para somente a Ele amar. Deixar todo pecado, imperfeição, apego mundano. As pessoas que optaram pela vida religiosa consagrada são convidadas a rever, purificar, sublimar o amor pela própria família, o qual já não pode continuar sendo mera **atração** humana. Seria “pegar no arado e olhar para trás”, o que Jesus reprova – em Lucas 9, último versículo.

Deus quer ser o único, exclusivo, incondicional, perpétuo! A Bíblia fala de um Deus amoroso, zeloso, ciumento: folheie especialmente Deuteronômio, Oséias, Isaías. Deus quer comunicar-se com a humanidade tal como os esposos entre si. Assim, Cristo Jesus, especialmente pela Eucaristia. Algum dia Deus será tudo em todos. Mas, para chegar a este termo de perfeição, o ser humano deve desprender-se de muitos apegos que atrapalham a intimidade com Deus. Em missa do Sagrado Coração de Jesus a gente canta: “O amor de mãe recorda o amor de nosso Deus: tomou seu povo ao colo, quis nos atrair. Até a ingratidão inflama seu amor! Um Deus apaixonado busca a mim e a ti!”

12 As rainhas orientais, até mesmo as mães dos reis, prostravam-se sempre que tinham de aparecer diante deles. Nosso Senhor está pedindo que seus filhos voltem ao costume da adoração e reconhecimento externo de sua divina realeza. Quem, hoje, se ajoelha numa igreja!? Ao entrar na Casa de Deus, procure imediatamente o Sacrário e ajoelhe-se, por alguns instantes. Pelo menos uma genuflexão consciente e bem feita. É um gesto de grande alcance e edificação, não duvide.

17 Votos de próspera descendência aos novos consortes. 

Pe. José Fonzar é missionário claretiano - correio eletrônico: fonfon@sercomtel.com.br

Barreiras à sobriedade

Sônia Mannelli

Uma esposa, em carta a seu marido, internado em um centro de tratamento para reabilitação de alcoólatras, escreveu a seguinte frase "...gosto de você, mas não sei se continuarei em sua companhia..." — na prática, o problema da bebida do marido já os havia separado —, e continuava: "...porque não sei se vou esquecer tudo o que nos aconteceu".

O que sucedera aos dois, no último mês, no último ano? Por que a amargura no coração da esposa? O fato é que agora estavam separados e a família dividida.

O alcoólatra, no centro de tratamento, é orientado para uma modificação permanente. Fica, então, mais uma pergunta: quais as barreiras a essa sobriedade?

Primeiro, há o sentimento de culpa e os ressentimentos que impedem um comedimento livre de ansiedades e tensões emocionais. Portanto, perdoar-se a si próprio é o primeiro passo para o alcoólatra que quer recuperar-se. Difícil para ele é libertar-se da culpa de palavras e atitudes impensadas que levaram muitas vezes a danos irreparáveis.

Depois, é difícil ele admitir que errou, descuidou-se, arruinou sua moral e a de seus familiares, tendo-se afundado em dívidas difíceis de serem quitadas. Delapidou seu patrimônio e agora não tem a humildade suficiente para reconhecer que todo o mal causado foi devido à bebida. A lembrança de cada fato enche-o de vergonha e profunda tristeza.

Deverá, além disso, perdoar aos outros (familiares e amigos) que, diante da atuação abusiva do bebedor

alcoholizado, reagiram de forma brusca e agressiva, magoando a todos.

Aqueles momentos precisam ser reavaliados como um processo da enfermidade e esquecidos, para se reatar amizades quebradas pelo alcoolismo.

Efeitos do álcool

O alcoolismo destrói a personalidade do indivíduo e lhe causa inúmeros males. Eis alguns deles:

- Perda do amor próprio, o que o leva a atitudes de desrespeito para consigo mesmo e para com os outros e à perda de aspiração por novos ideais.

- Falta de cuidado com seus pertences e com seus bens, o que o faz desmerecer a ajuda das pessoas;

- Desvirtuamento de sua vida afetiva e sexual com a esposa, cujo resultado é a infidelidade e as relações ilícitas fora do casamento;

- Empobrecimento de seus hábitos alimentares, levando-o, paradoxalmente, a comer demais;

- Ociosidade crônica, transformando o descanso natural em estado de preguiça permanente, com conseqüências desastrosas para sua vida profissional e social;

- Inveja pelos que crescem e sobem nas escalas econômica e social;

- Ressentimento contra a família e os parentes a quem culpa por seu estado.

Quando a obsessão pelo álcool aumenta, a ponto da vida se tornar ingovernável, o alcoólatra aceita ajuda (médicos, hospitalização, etc.). Vê-se, como decorrência, envolvido por programas terapêuticos adequados e aprende que há soluções: a recuperação é possível, se modificar a visão de sua vida tão fragmentada; a mu-

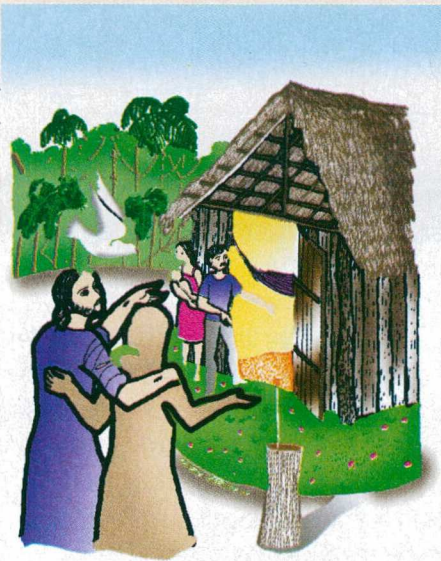


Foto: Correio Riograndense

dança de atitudes; a volta à saúde de sua personalidade; e a manutenção de sua sobriedade.

Válida é a frase encontrada em um livreto dos Alcoólicos Anônimos: "...viemos a acreditar...". É a restauração da sanidade. A volta do bom convívio de sua família, do alegre clima de amizade, nunca sentido antes.

Sônia Mannelli é terapeuta, trabalha na área de dependência química. Tel.: (0__11) 5528-1845.



O Espírito Santo ensina a paz

6.º domingo da Páscoa
20 de maio de 2001

INTRODUÇÃO

O Espírito é diálogo, comunhão e paz. Sentimos todos esta exigência de sair dos monólogos sem fruto, de sanar as antigas fraturas que dividem a humanidade, de entrar em comunhão, superando todas as barreiras de cor, raça e ideologia.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 15,1-2.22-29

Até hoje, a tentação de impor a todos as nossas tradições, nossos gostos e vontades é forte. E se não for como desejamos, torcemos o nariz.

Quem anuncia o Evangelho deve distinguir com clareza a essência da mensagem de Jesus e a roupagem cultural com que ela se reveste. Devemos abandonar tudo o que é claramente contrário ao Evangelho, como por exemplo, a vingança, a poligamia, o adultério. O que, porém, é indiferente, pode ser mantido. Deve-se prestar muita atenção para não julgar antievangélico o que, ao contrário, tem suas raízes em nossa cultura.

LITURGIA DA PALAVRA

Elaborada por Adelino Dias Coelho. Ilustrações de Cerezo Barredo, cmf.
Coloridas por Sheine Rodrigues Silva.

Ninguém, por exemplo, tem o direito de impor aos demais o próprio modo de rezar, pensando que seja o melhor ou o único possível.

A solução se baseia no princípio de que não há Igreja sem comunhão e não há comunhão sem que se eliminem as barreiras.

2.ª leitura Ap 21, 10-14.22-23

Cristo é a chave dessa comunhão. O desígnio de Deus é estabelecer a paz em Jesus Cristo; levar todos os homens ao diálogo e à união com ele.

O povo de Deus é comparado a uma cidade maravilhosa. Nessa nova Jerusalém, porém, não há templo, porque o Senhor é o próprio templo. Fala-se do mundo novo já presente com o início na Igreja terrena, mas que se realizará em plenitude na Igreja celeste.

A realidade futura não terá mais necessidade daquilo que na terra é sinal e instrumento. Mas já neste mundo é preciso fazer a passagem dos sinais visíveis para os invisíveis.

O Templo de Jerusalém, dos judeus, era necessário e relativo; sinal tangível da presença de Deus no meio de seu povo, constituía um ponto de referência importante para a unidade, mas corria o risco de dar uma falsa segurança, de tipo pagão, baseada num culto formalista em que não existia fidelidade interior ao Deus da aliança.

Hoje, o sacrifício da nova aliança se celebra na Igreja, corpo de Cristo; é um culto espiritual pelo qual cada um se apresenta em união com Cristo, no Espírito, como hóstia viva e santa.

Evangelho Jo 14,23-29

O que queria dizer Jesus, quando afirmou que ele e o Pai estabeleceriam morada em nós? Queria dizer que nós, depois de termos escutado a palavra do Evangelho, também nos

tornamos libertadores dos homens.

Não é difícil saber se numa pessoa está presente Deus. Procuremos saber, por exemplo, o que dizem dela os colegas de trabalho e de escola, a mulher, os filhos, os vizinhos, os outros membros da comunidade!

O Espírito não ensinará nada, além daquilo que o próprio Jesus já tinha ensinado. Explicitará, porém, todas as conseqüências e todas as aplicações concretas da mensagem de Jesus às várias situações.

São problemas, às vezes, muito complexos, cujas soluções somente podem ser encontradas na profundidade da oração, à luz do Evangelho. Há necessidade, porém, de se manter o coração aberto pois, muitas vezes, serão exigidas de nós mudanças de rumo inesperadas.

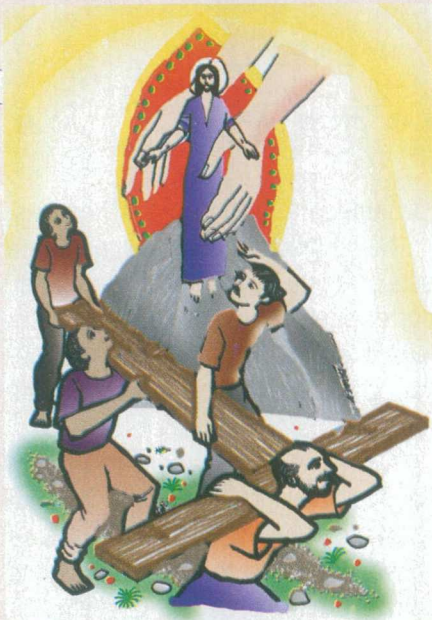
Por outro lado, há muitas palavras de Jesus que, embora estejam escritas no seu evangelho, correm o risco de serem postas à margem e de serem esquecidas com facilidade.

Por exemplo, durante muitos séculos, os cristãos conseguiram tapar os ouvidos aos apelos do Espírito sobre o que Jesus tinha dito: *Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam!* (Lc 6,27-29). Mas, em nossos dias, quem tenta justificar o uso da violência se sente cada vez mais isolado e mais pressionado por aquelas palavras do Mestre. E nós?

REFLEXÃO

É a Jesus e ao Pai que nossos familiares e os integrantes de nossa comunidade identificam em nossas ações?

Quando abriremos totalmente nossos corações à partilha dos bens, à plena igualdade de direitos entre o homem e a mulher, ao repúdio de qualquer forma de violência e de domínio, a começar por nossas casas? ●



Aprendendo a olhar para a terra

Ascensão do Senhor
27 de maio de 2001

INTRODUÇÃO

Corremos o risco de considerar a Ascensão como uma festa que nos faz olhar só para o céu. Jesus quer que olhemos também para a terra, para a realidade, para os homens, entre os quais devemos tornar presente a sua obra.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 1,1-11

No tempo em que Lucas escreveu este trecho, achava-se que o surgir de um mundo novo, significaria a volta imediata de Cristo. Alguns fanáticos chegavam até a anunciar a data com antecipação!

A resposta que ficou registrada, dada pelo Mestre, mais do que aos Doze, era dirigida àquela comunidade: deixai de perguntar sobre os tempos e os momentos do fim do mundo; estes são conhecidos só pelo Pai. Esforçai-vos, antes, para cumprir a missão que vos foi confiada: ser minhas testemunhas, em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e

até os confins do mundo (cf. vv. 7-8). Há 2.000 anos, a Igreja começou sua caminhada. Estamos, por acaso, em condições de afirmar que ela sempre esteve também voltada para a terra, isto é, para os problemas concretos dos homens? Mas a Igreja somos nós!

2ª leitura Ef 1,17-23

A 1.ª leitura ensinou-nos que Cristo, por primeiro, atravessou o "véu do templo" que separava o mundo dos homens e o mundo de Deus. Mostrou que tudo o que acontece aqui na terra: sucessos ou fracassos, injustiças, sofrimentos e até mesmo os fatos mais absurdos, como uma morte ignominiosa, não estão excluídos do projeto de Deus.

A 2.ª leitura completa este pensamento e exorta os cristãos a não se esquecerem de que a vida deles não está limitada aos horizontes deste mundo.

Tem de ser encontrado um equilíbrio. Não nos adianta ganhar o mundo inteiro, se viermos a nos perder a nós mesmos.

Contudo, a esperança de uma nova terra, longe de atenuar, deve estimular a solicitude pelo aperfeiçoamento de nossa realidade. Contemplamos o mundo e tudo o que nele acontece com olhos renovados: tudo tem sentido, nada mais nos causa tristeza, medo, pois sabemos que, não obstante todas as nossas misérias, o Senhor está construindo um reino de amor e de paz.

Paulo pede a Deus a sabedoria para a sua comunidade. Ou seja, inteligência para compreender o mistério da Igreja e a esperança para a qual tinham sido chamados.

Evangelho Lc 24,46-53

Com o ingresso de Jesus na glória do Pai, mudou alguma coisa na terra? Aparentemente nada!

Os homens e as mulheres continu-

am se agitando, semeiam e colhem, exercem atividades comerciais, constroem casas, viajam, choram e riem, como antes.

Podemos verificar, então, que a fé no Cristo, morto, ressuscitado e elevado aos céus, não nos dá direito a estarmos isentos das angústias que todos os outros homens experimentam. Não ficamos protegidos das contrariedades nem isentos das doenças e das lutas da vida. As tensões nas nossas famílias e os desentendimentos com os nossos vizinhos não desaparecem como por encanto.

Mas, então, o que nos traz, como novidade, a Ascensão de Jesus? Sua certeza muda os critérios de avaliação da vida.

Enquanto os anos passam, sentimo-nos contentes, porque percebemos que o dia do encontro definitivo com Deus está-se aproximando. Sentimo-nos felizes por ter vivido. Não sentimos inveja dos mais jovens e até os tratamos com ternura, como a mãe que sorri, quando observa o filho que, com muito esforço, começa a engatinhar...

Jesus não foi para outro lugar, não se afastou, permaneceu na companhia dos homens. A sua maneira de estar presente não é a mesma, mas nem por isso deixa de ser real. Para ele terminaram as limitações relacionadas com a vida neste mundo, ele agora se encontra na glória do Pai e pode estar junto de cada um de nós, sempre.

REFLEXÃO

De que modo a nossa comunidade enfrenta os problemas dos nossos dias: as injustiças econômicas e sociais, as guerras, os direitos humanos, a discriminação contra as mulheres? O que está fazendo para os refugiados, para os marginalizados, para os drogados, para os prisioneiros, para as pessoas torturadas? ●



O Espírito Santo é a nova Lei

Solenidade de Pentecostes

3 de junho de 2001

INTRODUÇÃO

“Sem o Espírito Santo, Deus está distante, o Cristo permanece no passado, o evangelho uma letra morta, a Igreja uma simples organização, a autoridade um poder, a missão uma propaganda, o culto um arcaísmo, e a ação moral uma ação de escravos” (Atenágoras).

LEITURAS BÍBLICAS

1.^a leitura At 2,1-11

Lucas coloca a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos no dia de Pentecostes. Ora, o Pentecostes era uma festa judaica muito antiga, celebrada cinquenta dias depois da Páscoa: comemorava a chegada do povo de Israel ao monte Sinai. Lá, Moisés tinha subido à montanha, tinha-se encontrado com Deus e recebido a Lei para ser transmitida a seu povo.

Ao afirmar que o Espírito Santo tinha descido sobre os discípulos justamente no dia de Pentecostes, Lucas nos quis ensinar só uma coisa: que o Espí-

rito tinha substituído a Lei antiga e se tornara a nova Lei para nós. Eis o que é a Lei do Espírito: o coração novo, a vida de Deus que, quando penetra no ser humano o transforma: passamos a amar com o mesmo amor de Deus.

A forma de pequenas chamas é aqui posta em relação com o dom das línguas. O acorrer das pessoas de todas as nações quer indicar a força unificadora do Espírito, que reconstrói a unidade perdida em Babel. Lá os homens começaram a não se entender e a se afastar uns dos outros; aqui o Espírito inicia um movimento inverso: reúne todos os homens que estavam dispersos.

Os que se deixam modificar pela palavra do Evangelho e pelo Espírito falam uma língua que todos entendem e que a todos une: a linguagem do amor. É o Espírito quem transforma a humanidade numa única família na qual todos se entendem e se amam.

2.^a leitura 1Cor 12,3b-7.12-13

A unidade querida pelo Espírito Santo não é uniformidade. O sinal da unidade é dado pelo fato de termos sido todos batizados num só Espírito.

Assim, no batismo, anula-se toda a distinção social ou racial. Os que crêem em Jesus, fazem-no pelo mesmo Espírito.

O sinal do pluralismo é constituído pela riqueza e variedade dos dons. Estes, longe de romper a unidade, consolidam-na. De fato, os dons são concedidos para a utilidade de todos.

Paulo escreve que os muitos dons, as muitas qualidades que cada um tem, não lhe foram dadas para criar divisões, mas para promover a unidade.

Os diversos dons dos quais está dotado cada membro da comunidade, servem para que cada um possa manifestar aos outros o seu amor, mediante a prestação humilde de serviço.

Evangelho Jo 20,19-23

No primeiro encontro com os discípulos, após a ressurreição, Jesus lhes diz, por duas vezes: *A paz esteja convosco!* A presença do Espírito Santo é sempre assinalada pela paz, um de seus principais dons!

O sopro de Jesus simboliza o Espírito, princípio da nova criação. Como narrado em *Atos dos Apóstolos* (1,8), o dom do Espírito é sempre sinal de missão. Na força do Espírito, serão eles portadores daquela salvação que Jesus, como Cordeiro, realizou na sua paixão e que se concretiza no perdão dos pecados.

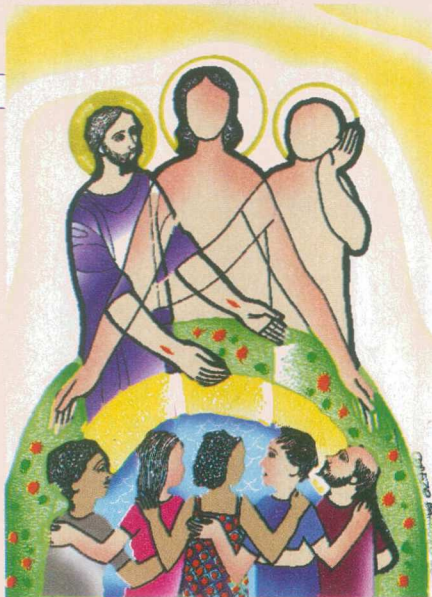
Toda a nossa vida de cristãos está sob o sinal do Espírito recebido no batismo e na crisma, que é o nosso pentecostes. Nela, devemos amadurecer os “frutos do Espírito”: amor, paz, alegria, paciência, espírito de serviço, bondade, confiança nos outros, mansidão. Entretanto, quem dentre nós pode afirmar ter passado realmente por esta experiência?

Ao examinarmos nossa vida, provavelmente teremos de admitir que praticamos injustiças, ódios, deixamo-nos dominar pelo mal... mais ou menos como antes do batismo. E então?

Se esperávamos uma transformação milagrosa, mudemos nosso modo de pensar. É que o Espírito não age assim. Desenvolve-se qual pequena semente plantada em nosso coração: cresce lentamente, sem estardalhaço, mas produz frutos abundantes.

REFLEXÃO

Deixamos que o Espírito Santo nos desinstale de nosso comodismo? Permitimos que nos ajude a derrubar barreiras e preconceitos? Abrimos nosso coração à ação do Espírito, arrependendo-nos de nossos pecados, mas olhando, sempre, para a frente? ●



Deus em nós

Festa da Santíssima Trindade

10 de junho de 2001

INTRODUÇÃO

Nós, cristãos, temos a estupenda graça de ser criaturas do Pai; a enorme alegria de termos sido salvos pelo Filho e sermos santificados pelo Espírito Santo, a todo o momento. Isto acontece não somente quando sentimos a mão de Deus em nossas existências, mas na história mais comum que vivemos dia a dia.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Pr 8,22-31

Esta página sobre a “Sabedoria de Deus” fala do Filho, “Palavra viva de Deus”, que manifesta o seu papel não só no tempo e no espaço do universo, mas nos faz entrever um além infinitamente mais vasto. A seu lado, como uma filha inteligente e amável, a Sabedoria acompanha e contempla todas as coisas.

Talvez se tenha perdido hoje a capacidade de reconhecer Deus na natureza; ciência e técnica parecem explicar tudo e resolver tudo; não nos lembramos de que a própria ciência e a técnica só se tornaram possíveis por dom de Deus.

Portanto, todo aspecto de verdade, beleza, bondade, dinamismo, que se encontra nas coisas e em todo o universo, nas instituições humanas, nas ciências, nas artes, em todas as realidades terrenas e particularmente em nós e na história, tudo isso é sinal e caminho para anunciar o mistério de Jesus Cristo.

Creemos, portanto, que Deus Pai criou o universo e que o governa com sabedoria e amor; cremos na sua Imagem, o Filho, que veio para este mundo e se fez um de nós; cremos que ele realiza o seu projeto de amor com a sua força, o Espírito.

2.ª leitura Rm 5,1-5

Todos nós, quando nos sentimos estimulados para um contato com Deus, na oração, é por ação do Espírito Santo. A iniciativa vem sempre de Deus. A nós cabe uma resposta de amor, como Maria Santíssima diante do anjo que lhe anunciava o dom da maternidade.

Assim nos ensina Paulo: *A esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.*

Mas essa mesma resposta de amor deve ser dada, quando somos provados pela tribulação. Como os apóstolos no meio da tempestade, nada mais entendemos. Aí será a hora de nos entregarmos nos braços de Deus, como uma criança se deixa ficar tranqüila no colo de seus pais, haja o que houver.

Não foi essa a atitude de Jesus?: *Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito* (Lc 23,46). Oração que não leva a essa conversão não é oração. Mesmo nossos pedidos têm de ser, antes, respostas de aceitação da vontade de Deus. De novo, fazendo como Cristo: *Meu Pai, se não é possível que este cálice passe sem que eu o beba, faça-se a tua vontade!* (Mt 26,42).

Evangelho Jo 16,12-15

Ao se ler o evangelho de hoje, pode-se ter a falsa impressão de que caberia ao Espírito Santo complementar o que Cristo não tinha tido tempo de ensinar aos discípulos.

Mas não era isso que Jesus queria dizer, pois ele mesmo acrescenta: *Ele há de receber do que é meu, e vo-lo anunciará* (v.15).

O que seria, porém, que os apóstolos não poderiam compreender naquela oportunidade? Qual seria o assunto tão “pesado” que eles não tinham capacidade de suportar? — Era o peso da cruz!

Só com a lógica humana era impossível aceitar que o projeto da salvação de Deus, passasse pelo fracasso, pela derrota, pela morte do seu Filho nas mãos dos ímpios.

Era incompreensível para os apóstolos que a plenitude da vida só pudesse ser alcançada pelo dom gratuito de si mesmo. Suas mentes voltadas somente para o triunfo, para o sucesso, não poderiam compreendê-lo, sem a força do Espírito do Senhor.

Pode-nos, então, parecer despropositada a afirmação de Jesus: *Ele me glorificará!* (v. 14). Glorificar, porém, aqui não tem o nosso significado de ser elogiado e aplaudido. Jesus é glorificado, quando o seu projeto de salvação se concretiza, o homem que pecou se arrepende, o necessitado recebe apoio, quem sofre encontra alívio, o desesperado reencontra a esperança e alegria de viver.

REFLEXÃO

Compreendemos que ter fé em Deus significa acreditar que ele fez tudo com sabedoria e amor? Nossas orações têm como fundamento a aceitação da vontade de Deus? Damos condições ao Espírito Santo para que “fale” dentro de nós? ●

Leituras litúrgicas das Missas - junho

7.^a SEMANA DA PÁSCOA



1.º - sexta: At 25,13-21 = Festo: um tal de Jesus, já morto, Paulo o afirma estar vivo. Sl 102.

Jo 21,15-19 = Pedro: Senhor, tu sabes que te amo!

2 - sábado: At 28,16-20.30-31 = Paulo em Roma, preso por causa da esperança de Israel. Sl 103. Jo 21,20-25 = Destino de Pedro (Segue-me!) e do discípulo amado (Fique!).

9.^a SEMANA DO TEMPO COMUM



4 - segunda: Tb 1,3; 2,1a-8 = Tobit sepulta os mortos. Sl 111,1-6. Mc 12,1-12 = Parábola dos lavradores homicidas.

5 - terça: Tb 2,9-14 = Tobit cego. Sl 111. Mc 12,13-17 = Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

6 - quarta: Tb 3,1-11a.16-17a = Deus ouve Tobit e Sara. Sl 24. Mc 12,18-27 = Controvérsia sobre a Ressurreição.

7 - quinta: Tb 6,10-11;7,1.9-17;8,4-9a = Casamento de Tobias. Sl 127. Mc 12,28-34 = Amar a Deus e ao próximo.

8 - sexta: Tb 11,5-17 = Volta do jovem Tobias e cura de seu pai. Sl 145. Mc 12,35-37 = O Messias, filho de Davi.

9 - sábado: Tb 12,1.5-15.20 = O companheiro de Tobias revela-se como anjo. Cânt.: Tb 13,2-8. Mc 12,38-44 = Oferta da viúva pobrezinha.

16 - sábado: 2 Cor 5,14-21 = O amor de Cristo nos compele. Sl 102. Mt 5,33-37 = Dizer a verdade e não jurar.

11.^a SEMANA DO TEMPO COMUM



18 - segunda: 2Cor 6,1-10 = Dedicção do apóstolo, ministro de Deus em tudo. Sl 97.

Mt 5,38-42 = Não resistir ao mau; atender ao necessitado.

19 - terça: 2Cor 8,1-9 = Convite à generosidade para com os pobres. Sl 145. Mt 5,43-48 = Amar o próximo, mas também amar os inimigos.

20 - quarta: 2Cor 9,6-11 = Deus ama e recompensará a quem dá com alegria. Sl 111. Mt 6,1-6.16-18 = Esmola, oração, jejum, tudo sem ostentação.

21 - quinta: 2Cor 11,1-11 = O apóstolo se compara aos seus adversários. Sl 110. Mt 6,7-15 = Pai nosso...

22 - sexta: *Sagrado Coração de Jesus.* Ez 34,11-16 = Eu próprio cuidarei de minhas ovelhas. Sl 22. Rom 5,5b-11 = O amor de Deus foi derramado em nossos corações. Lc 15,3-7 = Achei minha ovelha perdida.

23 - sábado: *Imaculado Coração de Maria.* Is 61,9-11 = Sua raça tornar-se-á célebre entre as nações. Cânt.: 1Sm 2,1-7. Lc 2,41-51 = Meu filho, que nos fizeste?

10.^a SEMANA DO TEMPO COMUM



11 - segunda: *São Barnabé, Apóstolo.* At 11,21b-26;13,1-3 = Barnabé era um homem virtuoso, cheio de Espírito Santo e de fé. Sl 97. Mt 5,1-12 = De graça recebestes, de graça dai.

12 - terça: 2Cor 1,18-22 = O apóstolo não merece censura. Sl 118. Mt 5,13-16 = Sal da terra e luz do mundo.

13 - quarta: 2Cor 3,4-11 = Sublimidade do ministério evangélico. Sl 98. Mt 5,17-19 = Jesus completa, realiza a Lei.

14 - quinta: *Ssmo. Corpo e Sangue de Cristo.* Gn 14,18-20 = Melquisedeque trouxe pão e vinho. Sl 109. 1Cor 11,23-26 = Todas as vezes que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor. Lc 9,11b-17 = Todos comeram e ficaram saciados.

15 - sexta: 2Cor 4,7-15 = Força do apóstolo nas dificuldades. Sl 115. Mt 5, 27-32 = Perfeição do amor conjugal: não cometerás adultério.

12.^a SEMANA DO TEMPO COMUM



25 - segunda: Gn 12,1-9 = Vocação de Abrão. Sl 32. Mt 7,1-5 = Palha no olho dos outros, trave no próprio olho.

26 - terça: Gn 13,2.5-18 = Abrão e Lot separam-se amigavelmente. Sl 14. Mt 7,6.12-14 = Pérolas aos porcos, porta estreita, fazer o bem aos outros.

27 - quarta: Gn 15,1-12.17-18 = Aliança de Deus com Abrão. Sl 104. Mt 7,15-20 = Guardai-vos dos falsos profetas!

28 - quinta: Gn 16,1-12.5-16 = Nascimento de Ismael. Sl 105. Mt 7,21-29 = Não basta dizer: Senhor, Senhor; casa sobre bom e mau alicerce.

29 - sexta: Gn 17,1.9-10.15-22 = Aliança e circuncisão; promessa do nascimento de Isaac. Sl 127. Mt 8,1-4 = Cura de um leproso: vai levar a oferta prescrita.

30 - sábado: Gn 18,1-15 = Abrão recebe três visitantes — três anjos. Cânt.: Lc 1,46-55. Mt 8,5-17 = Cura do servo do centurião, em Cafarnaum.

Carta aos efésios

Não há acordo quanto ao autor, origem e data da *Carta aos Efésios*. Aceita-se que foi escrita por Paulo, prisioneiro, em 60 ou 90 a.C. Da forma como foi escrita, parece uma circular às igrejas. Destaca a providência de Deus; a união de pagãos (não batizados) e gentios (não judeus) na salvação pela Cruz.

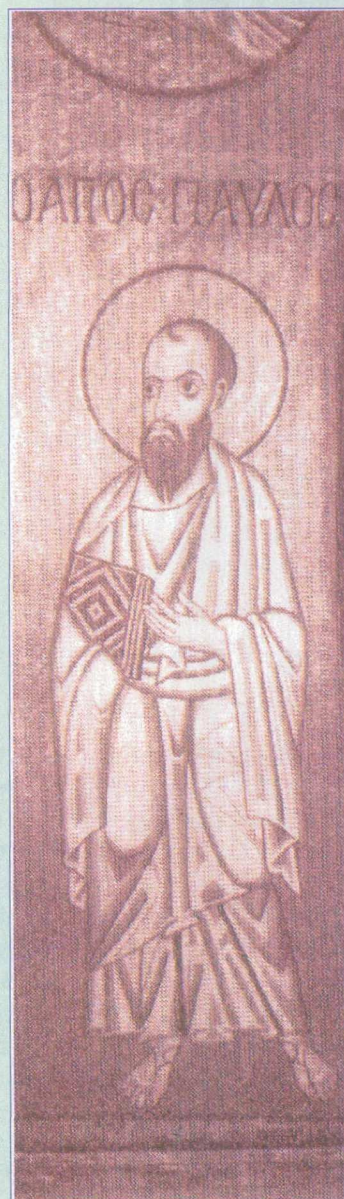
As cartas dos apóstolos visam responder a dificuldades e dúvidas, desfazer equívocos, repelir heresias, abolir abusos, exortar à fidelidade e à prática das virtudes. Constam de introdução, agradecimentos a Deus e saudação final.

Ache as palavras pedidas que se encontram nos versículos indicados. Na coluna destacada, aparece parte de uma frase da carta, que será completada no próximo número. As citações foram extraídas da Bíblia da Ave Maria.

- | | | |
|----------------------------------|---|-------|
| (5,5) que adoram ídolos. | D | _____ |
| (3,6) no NT os não-judeus. | E | _____ |
| (4,5) somente um. | S | _____ |
| (4,26) desça no ocaso. | P | _____ |
| (1,3) abençoado, louvado. | E | _____ |
| (6,5) centro dos sentimentos. | R | _____ |
| (5,11) escuridão. | T | _____ |
| (2,5) mercê; dom gratuito. | A | _____ |
| | | |
| (6,17) apanhai; apreendei. | T | _____ |
| (5,22) dóceis; respeitosas. | U | _____ |
| | | |
| (6,21) companheiro de Paulo. | Q | _____ |
| (6,14) armadura. | U | _____ |
| (1,3) benzeu. | E | _____ |
| | | |
| (4,16) construção. | D | _____ |
| (3,12) crédito. | O | _____ |
| (6,20) cativo; aprisionado. | R | _____ |
| (3,18) extensão longitudinal. | M | _____ |
| (6,16) arma de defesa ou amparo. | E | _____ |
| (1,11) eleitos. | S | _____ |
| | | |
| (4,31) interpretação maldosa. | L | _____ |
| (6,24) sem fim. | E | _____ |
| (3,3) inspiração divina. | V | _____ |
| (5,25) tendo afeição, dedicação. | A | _____ |
| (2,15) só uma. | N | _____ |
| (4,16) trabalho: ação. | T | _____ |
| (4,14) desejo injustificado. | A | _____ |
| (1,21) poder; potência. | T | _____ |
| (1,18) bem hereditário. | E | _____ |
| | | |
| (5,6) atraia para o erro. | D | _____ |
| (1,5) escolheu da eternidade. | E | _____ |

Continua no próximo número.

(De Ef 5,14 e Is 26,19; 60,1).



Paulo, obra de Osios Loukas, Grécia.





Para abraçar...



Basta querer: o abraço faz bem a quem abraça e a quem é abraçado.

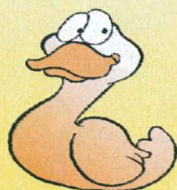
Você deve estar aberto à criança que existe em você, que necessita de amor, segurança, apoio, cuidados, e que precisa brincar e sabe que a outra pessoa também precisa das mesmas coisas...

Quem abraça não atribui culpas, nem julga, mas reconhece que nos dias de hoje, muitas pessoas ainda não aprenderam a pedir o apoio emocional de que precisam...

DESEMBARALHE AS LETRAS E LIGUE CADA NOME AO ANIMAL CERTO!



NEIRACRO



APTO



LACOVA

LIGUE CADA UM AO LUGAR ONDE MORA



Terapia do Abraço

O ABRAÇO:

FAZ A GENTE SE SENTIR BEM

ACABA COM A SOLIDÃO

FAZ A GENTE SUPERAR O MEDO

ABRE PASSAGEM PARA OS SENTIMENTOS

CONSTRÓI A AUTO-ESTIMA

ESTIMULA O ALTRUIÍSMO

ALIVIA A TENSÃO

COMBATE A INSÔNIA

É DEMOCRÁTICO; TODO MUNDO TEM DIREITO A UM ABRAÇO.

revista AVE MARIA

PRIMEIRA REVISTA CATÓLICA
MARIANA DO BRASIL

A revista **AVE MARIA** foi criada para ser uma homenagem a Nossa Senhora. Por isso, durante um século ela manteve — e continuará mantendo — um compromisso com o evangelho de anunciar a justiça, o direito, a verdade, o amor e a paz.

Divulgue você também essa mensagem.

Você já pensou em dar de presente uma assinatura da AVE MARIA a um parente, amigo, vizinho, ou a alguém que você estima? São só R\$ 20,00. O(A) novo(a) assinante receberá uma revista que fortalece a fé, leva conforto espiritual, traz a palavra do Papa, notícias da Igreja, conta a história dos santos, etc. Você sentirá a satisfação de divulgar mensagens cristãs e marianas.

Todos os meses, você será lembrado(a) com admiração e alegria. É muito fácil e simples fazer sua assinatura: de qualquer parte do Brasil é só telefonar, grátis, para **0800-55-5021** ou **(0 -- 11) 3666-2128**.

Ave MARIA

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 TELS. (011) 3666-2128/3666-2129
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

Seja um
representante da
revista Ave Maria
em sua cidade.

Não perca esta oportunidade!

Entre em contato conosco pelo telefone:

0800-555-021

(ligação gratuita) no horário comercial.